



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

EMANOELYNNA GONÇALVES JUCÁ

**AS RELAÇÕES DE DETERMINAÇÕES RECÍPROCAS
ENTRE O TRABALHO E A LINGUAGEM**

**MARANGUAPE-CE
2022**

EMANOELYN A GONÇALVES JUCÁ

**AS RELAÇÕES DE DETERMINAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE O TRABALHO E A
LINGUAGEM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação

Orientador: José de Sousa Breves Filho

Coorientador: Emanuel Rodrigues Almeida

**MARANGUAPE-CE
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- J91r Jucá, Emanoelyna Gonçalves.
As Relações de Determinações Recíprocas entre o Trabalho e a Linguagem / Emanoelyna Gonçalves Jucá. -
2022.
55 f.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Ensino e Formação
Docente, Campus Maranguape, 2022.
Orientação: Prof. Dr. José de Sousa Breves Filho.
Coorientação: Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida.
1. Trabalho. 2. Linguagem. 3. Ontologia. 4. Ser Social. I. Título.
-

EMANOELYNA GONÇALVES JUCÁ

**AS RELAÇÕES DE DETERMINAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE O TRABALHO E A
LINGUAGEM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em: 18 / 11 / 2022.

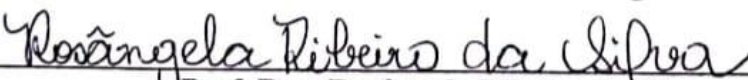
BANCA EXAMINADORA

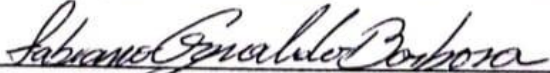

Prof. Dr. José de Sousa Breves Filho (Orientador)

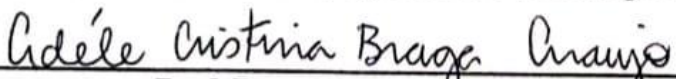
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE


Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida (Coorientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE


Prof. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB


Prof. Dr. Fabiano Geraldo Barbosa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE


Prof. Dra. Adele Cristina Braga Araujo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

À família, minha dedicação e entusiasmo! Em especial a minha mãe Auxiliadora Jucá, por seu empenho e incentivo na realização dos meus sonhos, ao meu pai Manoel Jucá (*in memoriam*). A minha irmã Wellyna Jucá, o meu irmão Jesus Jucá, o meu primo/amigo/irmão de consideração Renan Borges, por terem ajudado nos momentos difíceis a superar os obstáculos. Dedico também a minha avó Maria Luiza de Melo (*in memoriam*), por ter sido exemplo de persistência, uma mulher de fé, que sempre acreditava no bem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a quem recorro todos os dias, pedindo proteção e forças para seguir a jornada. Aos meus pais, Manoel de Queiroz Jucá e Maria Auxiliadora Gonçalves Jucá, que lutaram pela minha existência; e não mediram esforços para que eu pudesse trilhar na busca de conhecimentos, procurando realizações na vida e ensinaram-me a nunca desistir. Presentemente só tenho a agradecer: - Obrigada por tudo!

Aos amigos e colegas, não citarei nomes para não cair no erro de esquecer alguns que moram em meu coração, que continuamente ficaram ao meu lado, ajudando-me na construção dessa etapa de minha vida.

Agradeço; em especial meu orientador Professor Doutor José de Sousa Breves Filho e o coorientador Professor Doutor Emanuel Rodrigues Almeida, professores admiráveis, que orientaram-me nessa pesquisa, exemplos de pesquisadores. A segunda turma do mestrado profissional (UNILAB-IFCE), pela partilha de vivências, aprendizados, de forma leve na construção de conhecimentos e laços de amizades. Afetuosamente a todos os professores que fizeram parte de minha vida escolar - partindo da educação infantil a este curso de mestrado. Assim sendo, deixo um agradecimento sincero aos professores e amigos, aos somente professores, e aos que admiro por dedicarem seu tempo à arte de ensinar.

Obrigada a familiares, parentes, amigos, colegas de profissão por apoiar minha busca por formação e aperfeiçoamento profissional, que constituíram parte desta conquista.

Muito Obrigada!

“Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade...”
(Dado Villa-Lobos /
Marcelo Bonfá / Renato Russo).

RESUMO

O trabalho é uma atividade essencialmente humana, cuja função social é a produção da existência material da humanidade. Outrossim, a linguagem é uma atividade ontológica do ser social que convém articular ao trabalho. As duas categorias são fundamentais para a formação do ser, que constitui a narrativa do homem socialmente, ressaltando as ligações coletivas, em virtude da participação social que a linguagem facilita aos indivíduos por meio da comunicação, difusão de informações, expressões de pontos de vista, interação com os outros e divulgação da produção de conhecimentos ao longo da história. O objetivo geral do texto é investigar as relações de determinações recíprocas entre o trabalho e a linguagem. Os objetivos específicos consistem em: 1) compreender o trabalho como momento predominante no ser; 2) debater sobre a determinação ideal da linguagem e sua relação com a consciência; 3) verificar as relações de determinações recíprocas entre trabalho e linguagem; 4) apresentar um produto educacional para o desenvolvimento de encontros formativos. O estudo apoia-se no método ontológico, parte do pressuposto que a objetividade determina o conhecimento, utiliza o materialismo histórico-dialético como procedimento para compreender e explicar os objetos da realidade concreta, aponta a dimensão epistemológica, uma forma de avaliar criticamente a produção a partir da ruptura entre os objetos científicos e o senso comum. A presente pesquisa parte da abordagem qualitativa, pois procura conhecer como a realidade é edificada. Do ponto de vista dos objetivos é uma pesquisa exploratória, com procedimentos técnicos bibliográficos. E atribui a contribuição de teóricos como: Vigotski (2008), Bakhtin (2010), Lukács (2018), Lessa (2016), Tonet (2016), entre outros autores pertinentes da literatura. Conclui-se que o trabalho é a categoria fundante do ser social, e também requer outras formas de atividades para a formação e desenvolvimento do homem em sociedade; nota-se uma estreita ligação entre trabalho e linguagem, que intervém espontaneamente no desenvolvimento humano já que, por meio dela, o homem idealiza considerações, conduz informações, resolve desordens, relaciona-se com seus pares por meio de relações de determinações recíprocas.

Palavras-chave: Trabalho. Linguagem. Ontologia. Ser Social.

ABSTRACT

Work is an essentially human activity, whose social function is the production of humanity's material existence. Furthermore, language is an ontological activity of the social being that should be articulated to work. The two categories are fundamental for the formation of the being, which constitutes the narrative of man socially, emphasizing the collective connections, due to the social participation that language facilitates to individuals through communication, dissemination of information, expressions of points of view, interaction with others and dissemination of knowledge production throughout history. The general objective of the text is to investigate the relationships of reciprocal determinations between work and language. The specific objectives consist of: 1) understanding work as a predominant moment in being; 2) debate about the ideal determination of language and its relationship with consciousness; 3) verify the relationships of reciprocal determinations between work and language; 4) present an educational product for the development of formative meetings. The study is based on the ontological method, based on the assumption that objectivity determines knowledge, uses historical-dialectical materialism as a procedure to understand and explain the objects of concrete reality, points out the epistemological dimension, a way of critically evaluating the production to be from the break between scientific objects and common sense. This research starts from the qualitative approach, as it seeks to know how reality is built. From the point of view of the objectives, it is an exploratory research, with bibliographic technical procedures. And he attributes the contribution of theorists such as: Vygotsky (2008), Bakhtin (2010), Lukács (2018), Lessa (2016), Tonet (2016), among other relevant authors in the literature. It is concluded that work is the founding category of the social being, and also requires other forms of activities for the formation and development of man in society; there is a close connection between work and language, which spontaneously intervenes in human development since, through it, man idealizes considerations, conducts information, resolves disorders, relates to his peers through relationships of reciprocal determinations.

Keywords: Work. Language. Ontology. Be Social.

LISTA DE SIGLAS

IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
2.1 Ontológico.....	13
2.2 Epistemológico.....	14
2.3 Abordagem.....	14
2.4 Bibliográfica.....	15
2.5 Etapas da pesquisa.....	15
2.6 Apresentação do produto educacional.....	16
3 TRABALHO COMO MOMENTO PREDOMINANTE NO SER SOCIAL.....	17
4 A DETERMINAÇÃO IDEAL DA LINGUAGEM.....	23
4.1 A fala: elemento constitutivo da linguagem e a reprodução do ser social.....	28
5 AS RELAÇÕES DE DETERMINAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE TRABALHO E LINGUAGEM.....	32
5.1 Educação: complexo que aprimora a linguagem e o trabalho.....	38
6 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL: ENCONTROS FORMATIVOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO E A LINGUAGEM.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade essencialmente humana, cuja função social é a produção da existência material da humanidade. Além de um meio de sobrevivência e sustento, o trabalho produz mudanças políticas, culturais, históricas e econômicas no decorrer do desenvolvimento da humanidade.

Em primeiro lugar, faz-se necessário discutir a categoria trabalho na perspectiva ontológica do ser social, para compreender como ocorre o desenvolvimento dessa atividade humana ao longo da história e como contribui para a formação dos indivíduos, que convivem em sociedade.

Outrossim, a linguagem é uma atividade ontológica do ser social que convém articular ao trabalho. As duas categorias são fundamentais para a formação do ser, que constitui a narrativa do homem socialmente, ressaltando as ligações coletivas, em virtude da participação social que a linguagem facilita aos indivíduos por meio da comunicação, difusão de informações, expressões de pontos de vista, interação com os outros e divulgação da produção de conhecimentos ao longo da história.

Nesse cenário, surge a inquietação da presente pesquisa. Procurando elucidar a investigação, propomos a seguinte questão: quais elementos fundamentam as relações de determinações recíprocas entre o trabalho e a linguagem?

A pesquisa apresenta relevância na colaboração com o ensino e a formação. O estudo permite aos professores construir caminhos, que discutam as categorias trabalho e linguagem como parte do processo de ensino a partir da apreensão dessas categorias formativas e humanas. A implicação é debater informações com os professores, pois esses profissionais tendo conhecimentos, práticas na área de ensino e formação fornecerão atitudes valorativas correspondente e lógica com a realidade. Sendo assim, a sociedade dispõe de favorecimento com essa pesquisa, que é mais um artifício para uma visão ampliada a respeito de uma educação de qualidade para todos os que vivem na sociedade.

Assim, é saliente investigar as relações entre o trabalho e a linguagem, por meio dos estudos teóricos para entender melhor as determinações dessas categorias na sociedade em que vivemos e profissionalmente percebermos as consequências no ensino e aprendizagem, bem como academicamente, o estudo contribuirá para o diálogo entre o desenvolvimento das formas de trabalho e a linguagem de homens e mulheres, enquanto seres sociais.

Isso posto, o objetivo geral do texto é investigar as relações de determinações recíprocas entre o trabalho e a linguagem. Os objetivos específicos consistem em: 1) compreender o trabalho como momento predominante no ser; 2) debater sobre a determinação ideal da linguagem e sua relação com a consciência; 3) verificar as relações de determinações recíprocas entre trabalho e linguagem; 4) apresentar um produto educacional para o desenvolvimento de encontros formativos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Ontológico

O presente estudo apoia-se no método ontológico, parte do pressuposto que a objetividade determina o conhecimento. Conforme Tonet:

[...] o ponto de vista ontológico implica a subordinação do sujeito ao objeto, vale dizer que, no processo de conhecimento, o elemento central é o objeto. Neste sentido, não cabe ao sujeito criar – teoricamente – o objeto, mas traduzir, sob a forma de conceitos, a realidade do próprio objeto (TONET, 2016, p. 16).

Sendo assim, o estudo procura compreender as relações e determinações recíprocas entre as categorias trabalho e linguagem, na perspectiva ontológica do ser social. As atividades que constituem a articulação da sociedade, os modos de ser, preceitos da existência, como elucida Paulo Netto: “[...] elas são objetivas, reais (pertencem à ordem do ser – são categorias ontológicas) [...] o pesquisador as reproduz teoricamente (e, assim, também pertencem à ordem do pensamento – são categorias reflexivas) [...]” (PAULO NETTO, 2011, p. 46).

Para aproximação e entendimento do objeto, o esboço acontece por meio dos procedimentos metodológicos do materialismo histórico-dialético. Conforme Paulo Netto sobre os estudos de Marx “[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto [...]” (PAULO NETTO, 2011, p. 22). E acrescenta que: “[...] a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação [...]” (PAULO NETTO, 2011, p. 25). Dessa forma, o objeto da pesquisa tem existência objetiva, que independe da consciência do pesquisador no processo da investigação.

2.2 Epistemológico

As investigações científicas que utilizam o materialismo histórico-dialético como método para compreender e explicar os objetos da realidade concreta, precisam apontar a dimensão epistemológica, uma forma de avaliar criticamente a produção a partir da ruptura entre os objetos científicos e o senso comum. Os objetos e fenômenos abrangem uma objetividade, que Lavoura explicita:

[...] Independentemente do conhecimento e da consciência humana sobre tal, o conjunto dos elementos constitutivos da realidade existem, são reais e possuem uma estrutura e dinâmica interna de funcionamento efetivo a qual pode ser apreendida pela consciência humana por meio, notadamente, da atividade de investigação científica. Decorre daí a necessidade da ciência na prática humana (LAVOURA, 2017, p. 264).

O estudo teórico pelo investigador deve buscar o movimento real, prático e efetivo do objeto pesquisado, mas não pode ser de forma imediata. Dessa maneira, o caminho da investigação conjectura o afastamento do grau empírico ao concreto do real, partindo da aparência em busca da essência.

2.3 Abordagem

A investigação de um problema com objetivos definidos, técnicas e métodos de exploração de uma realidade teórica ou empírica que necessita de planejamento para sua execução. Os procedimentos metodológicos da pesquisa são definidos a partir dos objetivos do estudo, para a construção do conhecimento de acordo com sua área, compreendendo o uso de metodologias adequadas a sua produção científica.

A presente pesquisa parte da abordagem qualitativa, pois procura conhecer como a realidade é edificada:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

A metodologia qualitativa permite uma investigação complementar na apreensão do objeto estudado, para especificar conceitos, que propõe uma interpretação das categorias trabalho e linguagem, necessárias ao ser humano e o processo sócio histórico do desenvolvimento humano.

2.4 Bibliográfica

Do ponto de vista dos objetivos é uma pesquisa exploratória, com procedimentos técnicos bibliográficos, elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. Para Gil:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

A pesquisa bibliográfica concede ao investigador uma visão ampla do que se pode estudar sobre o grau de precisão do problema. Designa um processo que envolve as etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.

2.5 Etapas da pesquisa

A pesquisa será organizada nos seguintes capítulos: primeiro apresentaremos o trabalho como momento predominante no ser, para compreender a categoria trabalho na perspectiva ontológica, exibindo as contribuições dos estudos de Lessa (2016), Tonet (2016) e Gonçalves, et al., (2019).

No segundo capítulo, debateremos sobre a determinação ideal da linguagem e sua relação com a consciência; abordaremos a fala, como elemento constitutivo da linguagem e a reprodução do ser social, para descrever a linguagem, categoria necessária ao ser humano e o processo sócio histórico do desenvolvimento humano, com fundamentações teóricas de Vigotski (2008), Bakhtin (2010), Oliveira, et al., (2019), entre outros.

No terceiro, verificaremos as relações de determinações recíprocas entre trabalho e linguagem, também a categoria educação como um complexo que aprimora a linguagem e o trabalho a partir dos estudos de Lukács (2018), Duarte (2013), Lopes Júnior (2020), entre outros autores pertinentes da literatura.

No quarto capítulo, apresentaremos um produto educacional que foi elaborado para o desenvolvimento de encontros formativos com docentes da educação básica, sobre as relações entre as categorias o trabalho e a linguagem na perspectiva da ontologia do ser social.

2.6 Apresentação do produto educacional

O presente estudo se propõe apresentar um produto educacional, de acordo com Rizzatti (2020) pode ser:

Material didático/instrucional: são propostas de ensino, envolvendo sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual, como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação [...] (RIZZATI, 2020, p. 5).

Sendo assim, será criado um roteiro para o desenvolvimento de oficinas, nomeado de “Encontros formativos sobre as relações entre o trabalho e a linguagem”, nos quais serão discutidos textos e indicações de leitura a respeito da proposta, em que professores da área de Linguagens participarão de encontros e debates para o auxílio formativo. Pretendemos ampliar os momentos de formação de professores acerca da linguagem e a relação com a categoria trabalho, já que as duas categorias fazem parte do ser social.

A escolha da aplicação de oficinas para serem desenvolvidas com professores contribuirá significativamente, visto que o trabalho e a linguagem acompanham seus processos de ensino e aprendizagem. A proposta do produto educacional, elaborada a partir do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (UNILAB-IFCE), indica uma reflexão sobre a produção de conhecimentos significativos, conforme Rizzatti:

[...] Entretanto, ao considerar a abrangência e localização desses programas, precisamos refletir sobre o impacto deles para a formação de professores/profissionais, na produção de pesquisas voltadas para diferentes contextos, além da mudança de postura sobre o processo de construção do conhecimento na sala de aula ou em espaços não formais [...] (RIZZATI, 2020, p. 14).

É importante ressaltarmos que o produto da modalidade profissional é o professor/profissional que pode refletir a partir de suas práticas e com base em referencial teórico metodológico, identificando situações-problemas e soluções.

3 TRABALHO COMO MOMENTO PREDOMINANTE NO SER SOCIAL

O trabalho como categoria necessária ao ser humano, comporta a reprodução social e também requer outras formas de atividades para a formação e desenvolvimento do homem em sociedade. “Se faz mister a observação de que sem a realização dos outros momentos, não haveria a reprodução do ser social. Isto é, mesmo sendo o momento predominante, simultaneamente ao trabalho surgem outras totalidades necessárias à reprodução do ser social” (ALMEIDA & ALMEIDA, 2021, p. 22-23). Além disso, há uma busca de vida plena de sentido, que apresenta necessidades e não podem ser atendidas apenas pelo complexo do trabalho, ao mesmo tempo envolve questões sociais (moral, ética, religião, ideologia, filosofia, arte), entre outras, que exclusivamente mediada se relaciona à troca orgânica do homem com a natureza.

Por conseguinte, é necessário compreendermos as esferas ontológicas que têm articulação entre si. Lessa apresenta as concepções de Lukács:

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta (LESSA, 2016, p. 19-20).

Entre a esfera inorgânica, a esfera biológica e a social, há uma separação ontológica nas suas formas concretas de ser: o segmento social é eminente, no plano ontológico, dos processos naturais. “O movimento de reprodução do ser social, acionado pelo trabalho, tem como elemento fundamental, como órgão e médium de sua continuidade, a consciência [...]” (SANTOS, 2018, p. 10). Visto que, no ser social, a consciência tem um desempenho fundamental, permitindo aos homens uma resposta sempre inovadora às ocorrências destinadas à vida. Uma consciência do seu em-si, do que de fato são, o que possibilita algo inédito: um ser que se reconheça na sua própria história e enquanto gênero percebe-se em processo de construção.

De acordo com Lessa (2016), as três esferas ontológicas são diferentes. Na esfera inorgânica, não possui vida, seu processo de transformação ocorre pelo movimento de algo transformar-se em algo novo distinto, uma pedra por exemplo se converte em terra, a montanha em vale, a força mecânica em calor, etc. Na esfera biológica, o processo da vida ocorre pelo recolocar-se do mesmo, como exemplo a goiabeira, produz goiabas que produzirão sementes, que ao reproduzir mais goiabas, reporão a mesma reprodução. Na esfera

social, a produção de novos fatos, acontecimentos, situações constituem sempre algo marcante na vida dos seres humanos que não se repetem, um processo de acumulação peculiar, exclusivo, composto por conhecimentos, experiências que são possíveis pela mediação da consciência. E esta existe apenas entre os seres sociais.

Apesar das três esferas serem distintas, apresentam conexões entre si, porque para existir o ser social é preciso haver vida, e sem a esfera inorgânica não há vida. Assim, o ser social só pode permanecer e reproduzir através da articulação com a natureza. “[...] o homem transforma a natureza em objetos que possam atender às suas necessidades fundamentais [...]” (NASCIMENTO, 2016, p. 18). O momento que compreende a distinção e a articulação em meio às três esferas ontológicas designou-se como predominante, o qual acontece a interação e o equilíbrio do processo evolutivo.

Ao transformar a natureza, o ser humano transforma a si próprio, cria faculdades e capacidades que antes ele não possuía. Ao operar sobre a natureza, o ser humano muda a si mesmo; cria não apenas um mundo cultural fora de si, mas também cria a si como ser social/humano [...] (FONTE, 2018, p. 12).

Ademais, percebe-se o salto ontológico como uma conjuntura de análise da gênese da vida, da esfera biológica que diferencia a matéria orgânica da inorgânica, em que ocorre o processo contínuo de reprodução na substância orgânica, “Como tudo que existe, o salto também é um complexo, e como todo complexo, é também um processo [...]” (MACENO, 2017, p. 25), enquanto o encadeamento inorgânico é marcado por um constante tornar-se-outro. Lessa reitera:

[...] Em outras palavras, o salto corresponde ao momento negativo de ruptura, negação, da esfera ontológica anterior; é este momento negativo que compõe a essência do salto. Todavia, a explicitação categorial do novo ser não se esgota no salto. Requer um longo e contraditório processo de construção das novas categorias, da nova legalidade e das novas relações que caracterizam a esfera nascente. Esse longo processo, cuja positividade (afirmação do novo ser) contrasta com a negatividade do salto, é o processo de desenvolvimento do novo ser [...] (LESSA, 2016, p. 23).

Desse modo, o novo ser se manifesta na relação processual e por sua essência eleva-se para além do salto e o trabalho é a oportunidade prevalente para o salto da vida biológica ao ser social. A categoria trabalho permite ao ser social o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, que possibilita ao homem edificar a sociedade.

[...] Assim, para Marx, a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o homem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz a história. O trabalho torna-se categoria essencial que lhe permite não apenas explicar o mundo e a sociedade, o passado e a constituição do homem, como lhe permite antever o futuro e propor uma prática transformadora ao homem, propor-lhe como tarefa construir uma nova sociedade (ANDERY *et al*, 2012, p. 401).

Além disso, o desenvolvimento e transformação da sociedade ocorre por meio de contradições, que são concedidas por saltos, ações revolucionárias, provocadas pelo homem. Esse movimento do real em que o conhecimento reflete a mudança, descobertas que são possíveis fazem parte da história e a realidade como uma construção discursiva envolve outras categorias fundamentais para entender também o conhecimento que é a totalidade, uma dimensão do ser social. Para Tonet “[...] totalidade não é sinônimo de tudo, mas significa um conjunto de partes, articuladas entre si, com uma determinada ordem e hierarquia, permeadas por contradições e mediações e em constante processo de efetivação [...]” (TONET, 2016, p. 142).

Como citado no parágrafo anterior, o trabalho é a categoria fundante do ser social, mas não se reduz apenas ao trabalho. E isso se manifesta em outras categorias sociais, como na categoria totalidade. Pois a totalidade é parte das relações de tudo que existe. Lessa explicita a visão de Lukács:

Para Lukács, o caráter de totalidade do ser é importante porque permite divisar com clareza um momento fundamental da processualidade do trabalho: ao se inserir na malha de relações e determinações pré-existentes. O objeto construído a altera (ainda que minimamente), desencadeando nexos causais (ou seja, uma sequência de causa e efeito) que são, ao mesmo tempo, 1) perpassados por momentos de casualidade e, 2) na sua totalidade e no momento da prévia-ideação, impossíveis de serem conhecidos por que ainda não aconteceram (LESSA, 2016, p. 34).

É preciso que o ser social estabeleça uma relação com a totalidade e por acaso podem surgir situações que desencadeiam implicações e resultados súbitos, sucedem novas obrigações e possibilidades para atender as necessidades. “Com efeito, o trabalho enraíza uma progressiva diferenciação na vida social, gestando uma multiplicidade de complexos heterogêneos, os quais podem ser considerados os responsáveis pela criação do homem enquanto um ser social” (GONÇALVES, et al., 2019, p. 932). Os sujeitos produzem ações que geram novos nexos causais. E para além deste agrupamento de obstáculos, o processo de objetivação, com base no efetivo conhecimento, deve transformar a realidade.

Lessa mostra: “[...] Argumenta Lukács que todo ato de trabalho deve ser pensado corretamente (deve se apoiar sobre um reflexo correto da realidade), corretamente orientado para a finalidade, corretamente executado com as mãos, etc [...]” (LESSA, 2016, p. 38). Assim, a consciência age diante da realidade como uma necessidade de captura do real. A investigação e a escolha dos meios incentivam a consciência para além de si mesma.

A consciência, “[...] o que, para Marx, determina a consciência é o ser social, que adquire, assim, primazia sobre a consciência [...]” (ANDERY, et al., 2012, p. 403). É importante ressaltar que os indivíduos, enquanto seres sociais tenham consciência de suas

necessidades, de forma socialmente concreta e objetiva vejam a responsabilidade de cada um para com a comunidade em que vivem.

Para Lessa, a relação entre o trabalho e a natureza é o elemento principal da busca de uma vida “plena de sentido”, reforçando que não deve ser apenas o trabalho visto como a necessidade única para realização do ser social, pois há outros complexos sociais que mediam. E ainda acrescenta:

O trabalho, pela sua própria essência, remete o homem para além do próprio trabalho — de tal modo que, com o passar do tempo, o trabalho apenas pode se efetivar quando atende a necessidades sociais que não mais pertencem diretamente à troca orgânica entre o homem e a natureza [...] (LESSA, 2016, p. 48).

Dessa maneira, o trabalho efetiva-se no sistema global de relações sociais ampliadas que se movimentam e reproduzem metodologicamente. À vista disso, ocorre o conhecimento fundamental ao êxito do trabalho expresso as necessidades reais impostas pelo crescimento do gênero humano. Ao adicionar a evolução que a realidade se depara para atender os complexos sociais colocados pelo processo de sociabilização.

O trabalho se realiza na ininterrupta interação do homem com a natureza. Ao contrário dos atos instintivos animais, o trabalho é uma atividade peculiar e exclusivamente humana que se concretiza sobre os elementos naturais de modo a transformá-los sob a orientação de uma finalidade específica. Os homens de uma determinada sociedade agem sobre a materialidade natural, externa a eles, para produzir objetos que possuam utilidade para sua vida. Através do trabalho eles produzem, conscientemente e sempre de maneira nova, os bens necessários para sua reprodução e para a reprodução da sociedade (BIZERRA, 2015, p. 2).

Partilhando as contribuições de Andery por meio dos estudos de Marx “[...] Daí também a noção de que o conhecimento deve prover os meios para se transformar o mundo, de que o conhecimento, pelo menos para Marx, é um conhecimento comprometido com uma determinada via de transformação” (ANDERY, et al., 2012, p. 414).

De acordo com Marx, o conhecimento pressagia a capacidade de transformar o real e amplia os processos do método de investigação para outras áreas, constatando a necessidade de partir do real para se produzir conhecimento. O movimento do real para refletir e buscar as transformações e desenvolvimento das descobertas do conhecimento. No entanto, de acordo com Lukács:

[...] o trabalho, para ter sucesso, não poderia depender de um conhecimento absoluto, total e completo do real. Na verdade, todo trabalho contém em si uma ação sobre o conhecido e um salto para o desconhecido. Todo ato de trabalho se apoia em um conhecimento já obtido do ser-precisamente-assim existente e ao mesmo tempo questiona e amplia este mesmo conhecimento [...] (LESSA, 2016, p. 50).

À vista disso, o trabalho pode ser considerado um salto sobre o desconhecido para atingir o conhecido, um constante procedimento de integração do conhecimento com o real e

não impetraria concretização se requeresse uma consciência integral verdadeira. “[...] Sem a transformação do real por meio da objetivação de posições teleológicas, não teria qualquer sentido tentar convencer outros indivíduos para que exerçam uma dada ação sobre o existente [...]” (LESSA, 2016, p. 54).

Porquanto, o trabalho é visto como modelo para os outros tipos de ação, que sem o trabalho outras atividades humano-social não seriam possíveis, “Segundo Lukács, a categoria do trabalho é a protoforma (a forma originária, primária) do agir humano” (LESSA, 2016, p. 27). Ou seja, a partir do trabalho surgem outras categorias e fundamentam as diversas formas da práxis social ontologicamente.

Com novos conhecimentos e habilidades, tem-se novas necessidades, em que a exteriorização é o momento do trabalho, através do qual a subjetividade é confrontada com a objetividade e a causalidade, sendo possível gerar outros saberes e capacidades. Conforme Lessa: “[...] A exteriorização é o momento de transformação da subjetividade sempre associada ao processo de transformação da causalidade, a objetivação” (LESSA, 2016, p. 31). Em concordância com Lukács, a essência da categoria trabalho está relacionada à teleologia-causalidade.

Tendo em vista que, os indivíduos agem de acordo com as novas exigências e possibilidades que surgem e originam objetos com outros nexos causais, Lessa explicita:

Essa relação dialética entre teleologia (isto é, projetar de forma ideal e prévia a finalidade de uma ação) e causalidade (os nexos causais do mundo objetivo) corresponde à essência do trabalho, segundo Lukács. O que nos permite compreender com clareza que, no contexto da ontologia lukácsiana, a teleologia, longe de ser um epifenômeno da processualidade social, se constitui em “categoria ontologicamente objetiva” pertencente à essência do mundo dos homens (LESSA, 2016, p. 36).

O produto do trabalho é uma composição peculiar, que ocorre apenas no mundo dos homens e a objetivação é o momento concreto da realização dessa composição. O produto apresenta forma previamente idealizada e depois objetivada acontece a transformação, que é a construção humano-social. E para além disso, afirma-se que sem a natureza não há ser social.

Tem-se, portanto, por meio trabalho, um processo que simultaneamente altera a natureza e autotransforma o próprio ser que trabalha. A natureza humana é também metamorfoseada a partir do processo laborativo, dada a existência de uma posição teleológica e de uma realização prática [...] (ANTUNES, 2009, p. 142).

Esse fato ontológico manifesta uma peculiaridade em que a natureza por si não transforma-se, mas o homem desenvolve sua capacidade em transformar partindo de seus próprios objetivos. Podemos ver que:

O desenvolvimento da sociabilidade possibilitou e exigiu que a ciência se desenvolvesse em um complexo social específico, altamente especializado e

sofisticado, e que apenas mediadamente se relaciona à transformação da natureza — a qualidade e a quantidade de mediações variam entre os ramos da ciência e mesmo entre as diferentes pesquisas de um mesmo ramo [...] (LESSA, 2016, p. 41).

A partir das obrigações posicionadas pela troca orgânica homem/natureza pode-se esclarecer que o desenvolvimento da ciência moderna ocorre apenas pelo progresso da habilidade humana em transformar a natureza. A relação do homem com a natureza é mediada pelo trabalho, que é o fundamento ontológico da busca por uma vida plena de sentido. Lessa comenta: “[...] se o trabalho é a categoria fundante do ser social, para Lukács o ser social certamente não é redutível ao trabalho. E isso se manifesta em cada uma das categorias sociais bem como na totalidade social” (LESSA, 2016, p. 41).

Essas considerações permitem perceber como o trabalho impulsiona o homem em cada ato, nas vivências e própria existência que colaboram para o surgimento de outros complexos sociais, como religião, filosofia, arte, ética, entre outros, para atender as necessidades impostas pelo processo de sociabilização.

Visto que, o trabalho é um complexo de determinação material, que apresenta implicação também em outros complexos de consignação até ideal. No capítulo seguinte, debateremos sobre o tipo de determinação que a linguagem exerce sobre o ser social.

4 A DETERMINAÇÃO IDEAL DA LINGUAGEM

A linguagem é um dos complexos sociais presentes no mundo dos homens e assim como o trabalho passa por um processo intrínseco de crescente complexificação e enriquecimento. “[...] A linguagem assume um papel cuja importância e cujo significado para a reprodução do ser social a tornam presente em toda e qualquer forma de sociedade humana” (JIMENEZ & LIMA, 2011, p. 76).

O complexo da linguagem surgiu do trabalho e pode ser visto não apenas em uma sucessão temporal identificável, mas de forma simultânea, em que sua essência está na investigação da reprodução do ser social. Para Bakhtin: “[...] É preciso, fundamentalmente, inseri-lo num complexo mais amplo e que o engloba, ou seja, na esfera única da relação social organizada [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 72).

Para entender a linguagem no plano ontológico, devemos perceber que existem diversas transformações que compõem o ser social. Com efeito, a linguagem surgiu para atender as necessidades do trabalho. O que Lukács afirma como fenômeno derivado diretamente do trabalho:

[...] o surgimento da relação-sujeito-objeto e o distanciamento real e necessariamente nela operante do objeto com o sujeito. Este distanciamento cria imediatamente uma base indispensável, provida com vida própria, para o ser social dos seres humanos: a linguagem. Engels diz com razão que ela decorre de que os seres humanos tinham algo para dizer um ao outro [...] (LUKÁCS, 2018, p. 88).

A propósito, o ato de transformar a natureza por meio do trabalho é visto como uma ação reflexiva, uma vez que faz surgir a consciência. Segundo Vygotsky (2008), é possibilitada pela apropriação dos construtos da linguagem, os quais despertam o desenvolvimento de capacidades superiores do humano tornando-o apto para agir e interagir no universo das comunicações das esferas sociais de seu tempo.

Desse modo, os homens empossaram-se dos recursos da natureza e transmitem os saberes aos outros pela apropriação da linguagem, à medida que atividade comunicativa promovia a interação, entendimento nas relações humanas e produção do conhecimento.

[...] Isso significa dizer que o complexo do ser social funda-se no trabalho, e todos os outros complexos próprios desse ser já constituído mantêm com o trabalho uma relação de dependência ontológica e de autonomia relativa. É somente dessa forma que esses complexos poderiam cumprir sua função própria no processo de reprodução social (FRERES, et al., 2012, p. 14).

Nota-se uma estreita ligação entre trabalho e linguagem, que intervém espontaneamente no desenvolvimento humano já que, por meio dela, o homem idealiza considerações, conduz informações, resolve desordens, relaciona-se com seus pares. A

linguagem auxilia o desenvolvimento humano e de acordo com Bakhtin, o elemento constitutivo do sujeito e a interação verbal é o despertar de sua consciência:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 2010, p. 111).

Esse despertar da consciência é possível pela interação verbal, pois nos tornamos sujeitos quando interagimos verbalmente, compartilhamos com o outro. O papel da consciência no processo de reprodução do ser social, é comentado por Lukács:

[...] E, então, é claro que apenas na linguagem emerge, em sentido subjetivo, um órgão, no objetivo, um médium, com cuja ajuda a reprodução pode se consumir em circunstâncias tão radicalmente alteráveis: uma conservação da continuidade do gênero no interior de uma transformação ininterrupta de todos os momentos subjetivos bem como objetivos da reprodução [...] (LUKÁCS, 2018, p. 168-169).

A linguagem é fundamental para contribuir com a transformação do sujeito, do seu meio e dos outros homens. Vigotski pondera: “[...] De início, a palavra é um substituto convencional do gesto; aparece muito antes da crucial “descoberta da linguagem”, por parte da criança, e antes que ela seja capaz de operações lógicas [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 37).

Diante disso, podemos dizer que a linguagem se fundamenta em uma abordagem social, é uma atividade ontológica do ser social. E Ivic mostra a contribuição da aprendizagem junto à linguagem, diante de uma tese de Vygotsky:

[...] A contribuição da aprendizagem deve-se ao fato de que ela coloca à disposição do indivíduo um instrumento poderoso: a língua. No processo de aquisição, este instrumento se torna parte integrante das estruturas psíquicas do indivíduo (evolução da linguagem interior). Mas, há algo mais: as aquisições novas (a linguagem), de origem social, entram em interação com outras funções mentais, o pensamento, por exemplo. Desse encontro, nascem as funções novas, como o pensamento verbal [...] (IVIC, 2010, p. 18).

Destarte, as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, no caso aquisição da linguagem em um processo natural contribuem para que os instrumentos criados pela cultura fortaleçam as possibilidades naturais do indivíduo e reestruturem suas funções mentais. Toda essa apropriação faz parte da cultura – a língua –, que conduz a interação social e inclui os diferentes dispositivos e técnicas, que amplificam as capacidades humanas. Lukács destaca:

[...] apenas nos importa é a constatação de que a linguagem é o cumprimento de uma necessidade social que, ontologicamente, surge como consequência da relação dos seres humanos com a natureza e uns com os outros, e precisamente nesta duplicação de demandas opostas, precisamente nesta contraditoriedade dialética, pode e tem de se realizar praticamente [...] (LUKÁCS, 2018, p. 175).

O desenvolvimento da linguagem ocorre com expressões vivas do cotidiano. Dar nomes é uma operação extremamente complexa. Essa é uma categoria que desdobra-se de

forma espontânea no ser social, pois no dia a dia os indivíduos nomeiam aquilo com que entram em contato, sempre buscando novas expressões, palavras para melhor proclamar a realidade.

É na relação que estabelece com a sociedade historicamente construída a partir das necessidades humanas, que a criança desenvolve a linguagem. A princípio, devemos evidenciar as raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento infantil, as quais foram estabelecidas há muitos anos atrás e se referem ao desenvolvimento da fala sem a intervenção do pensamento (OLIVEIRA, et al., 2019, p. 42).

Aos poucos a criança começa a utilizar palavras e compreender os conceitos como meio de comunicação, antes mesmo do pensamento desenvolvido. A formação de conceitos é um processo criativo, em que o procedimento ocorre de forma natural, sensorial e as palavras começam a ter sentidos. Para Vigotski:

Todas as funções psíquicas superiores são processos mediados, e os signos constituem o meio básico para dominá-las e dirigi-las. O signo incorporado à sua estrutura como uma parte indispensável, na verdade a parte central do processo como um todo. Na formação de conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, torna-se o seu símbolo [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 70).

Dessa forma, não há mecanização no processo de formação de conceitos, os indivíduos precisam de estimulação intelectual para que desenvolvam o raciocínio, compreendam o significado das palavras a partir das vivências sociais, culturais e globais. Sabemos também que, uma mesma palavra pode apresentar significados diferentes ou opostos, dependendo da situação, esses significados serão apreendidos por meio do pensamento por complexos¹. Vigotski ainda explicita: “[...] Pode haver um só significado e diversos referentes, ou significados diferentes e um único referente. [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 91).

Percebe-se que, o processo de criação da linguagem é semelhante o desenvolvimento da formação dos complexos do crescimento intelectual dos indivíduos, que amplia-se nas relações sociais, interação semiótica de grupos por meio da comunicação. Bakhtin esclarece:

[...] Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica [...] (BAKHTIN, 2010, p. 34).

Partindo desse pressuposto, a comunicação humana acontece devido o desenvolvimento do significado da palavra, que é possível porque o pensamento do indivíduo reflete uma realidade conceitualizada. Vigotski complementa: “[...] O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”

¹ - Capacidade de interligar diferentes dimensões do real, constitui um pensamento coerente e objetivo.

(VIGOTSKI, 2008, p. 63). Sendo assim, o desenvolvimento do pensamento é determinado por um processo histórico-cultural.

[...] Uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana. Espera-se apenas que, neste nível, o desenvolvimento do comportamento seja regido essencialmente pelas leis gerais da evolução histórica da sociedade humana (VIGOTSKI, 2008, p. 63).

O pensamento e a linguagem apresentam uma discussão ampla, que envolve os processos históricos, sociais e culturais que perpassam o desenvolvimento da humanidade. Bakhtin mostra o que é linguagem, conforme os estudos de Saussure:

Tomada como um todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; participando de diversos domínios, tanto do físico, quanto do fisiológico e do psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, porque não se sabe como isolar sua unidade (BAKHTIN, 2010, p. 88).

Há diversas manifestações da linguagem e exige reflexão sobre a realidade, como podemos compreender a natureza da consciência humana. Nesse caso a generalização, é que reflete os fatos e domínios da linguagem, que para Vigotski:

[...] há um salto dialético não apenas entre a total ausência da consciência (na matéria inanimada) e a sensação, mas também entre a sensação e o pensamento. Tudo leva a crer que a distinção qualitativa entre a sensação e o pensamento seja a presença, nesse último, de um reflexo generalizado da realidade [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 6).

A generalização faz parte do pensamento verbal e conjectura a realidade de forma diversa. O significado de uma palavra pode assumir um estágio avançado quando uma pessoa está aberta a ideias e conceitos gerais. Essa atitude generalizadora é necessária para que ocorra a verdadeira comunicação humana. E a compreensão manifesta-se por meio de material semiótico, em que a consciência surge e consolida-se como vivência mediante a materialidade em signos. Bakhtin afirma: “[...] A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2010, p. 34).

A consciência permite o prosseguimento do processo de acumulação que constitui o devir-humano dos homens. À proporção que a generalidade humana cresce, a consciência também aumenta, o gênero humano se edifica e a individualidade complexifica-se. A generalidade humana e individualidade estão essencialmente articuladas, fazem parte do processo de reprodução social. Quanto à individuação e a sociabilidade que são atos inseparáveis, Lessa argumenta que:

[...] não há ato humano singular senão no interior de uma totalidade social, não há individualidade fora da totalidade social. É o movimento evolutivo do gênero

humano, enquanto totalidade, que se constitui no impulso fundante e no momento predominante do processo de individuação (LESSA, 2016, p. 98).

Assim, a individuação e sociabilidade enquanto determinações reflexivas são dois núcleos do processo de reprodução social. E a consciência é a mediação entre a movimentação e construção do mundo dos homens. Essa consciência ao agir produz o trabalho, que incentiva o homem a esboçar coisas novas, assumir posições diferentes para resolver as adversidades. Lukács indica:

[...] Apenas porque não apenas pode remodelar a conscienciosidade movente e progressiva do processo de reprodução social como um todo em portador da relação viva entre os seres humanos, mas também recolhe em si todas as manifestações vitais dos seres humanos e lhes confere uma forma capaz de comunicação, portanto apenas porque constitui um complexo tão total que a tudo abarca, estabelecido e sempre móvel, tal como a própria realidade social que ela reflete e faz comunicável, é a linguagem capaz de satisfazer essa necessidade social. Por fim, portanto, porque ela constitui um complexo tão total e dinâmico como a própria realidade por ela representada (LUKÁCS, 2018, p. 176).

Na visão de Bakhtin (2010), essa tomada de consciência somente acontece no processo de interação social mediada pela linguagem vigente, do momento sócio histórico em que ele está inserido, e sempre vem impregnado de conteúdo ideológico. É preciso uma investigação da palavra como signo social para entender seu desempenho como mecanismo da consciência. A palavra acompanha todo ato ideológico e funciona nas mais variadas formas de manifestações, linguagens verbais e não verbais. E assim, a consciência tem o poder de abordar verbalmente nos signos. Bakhtin acrescenta:

[...] à medida que a linguagem se desenvolveu, que o seu estoque de complexos sonoros aumentou, as significações começaram a estabilizar-se segundo as linhas que eram básicas e mais frequentes na vida da comunidade para a utilização temática dessa ou daquela palavra (BAKHTIN, 2010, p. 135).

Quando estudamos sobre a linguagem, também percebemos a importância da palavra, em que o significado faz parte das funções da fala e estão inter-relacionadas ao pensamento e a fala é essencialmente social, conforme Vigotski: “[...] A função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 6).

Veremos a seguir que a fala como elemento constitutivo da linguagem, também está atrelada a reprodução do ser social, pois os organismos biológicos, postos em um ambiente natural, não produzirão fala. Portanto, o contexto social é indispensável para que se torne um vínculo com a fala, articulado ao complexo da linguagem.

4.1 A fala: elemento constitutivo da linguagem e a reprodução do ser social

A reprodução social pode ser vista como um desafio em cada momento histórico, pois quanto mais desenvolvida for a sociabilidade mais numerosas e intensas serão as mediações sociais que articulam a vida dos indivíduos. Observemos o complexo da fala:

Segundo Lukács, a fala é um complexo que surge diretamente relacionado à *intentio recta*. A necessidade em se apropriar das determinações do real para poder operar posições teleológicas com cada vez maior probabilidade de sucesso, aliada à necessidade de generalização subjetiva e objetiva dos resultados concretos da práxis, está na base da gênese do complexo social da fala (LESSA, 2016, p. 75).

A fala é parte do desenvolvimento da sociabilidade, em que as posições teleológicas primárias, voltadas à transformação da natureza junto aos indivíduos ampliam o papel mediador da fala como um complexo que incrementa a práxis social. Bakhtin (2010) valoriza a fala, a enunciação e afirma que a fala está ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. Para Vigotski:

As raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança são há muito conhecidas. O balbúcio e o choro da criança, mesmo suas primeiras palavras, são claramente estágios do desenvolvimento da fala que não têm nenhuma relação com a evolução do pensamento (VIGOTSKI, 2008, p. 52).

Essas manifestações da fala podem ser observadas já no início da vida, em que os bebês demonstram comportamentos emocionais às reações do desenvolvimento de dominar uma linguagem que se persegue ao propósito de interagir e querer falar. Com o passar do tempo, a criança faz descobertas que cada coisa tem um nome. Vigotski evidencia:

Esse instante crucial, em que a fala começa a servir ao intelecto, e os pensamentos começam a ser verbalizados, é indicado por dois sintomas objetivos inconfundíveis: (1) a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova (“O que é isto?”); e (2) a consequente ampliação de seu vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos (VIGOTSKI, 2008, p. 53).

O complexo social da fala tem seu crescimento natural, evolui sem a intervenção dos linguistas, estudiosos da língua, visto que a evolução da língua parte de seus falantes, os impulsos que surgem no cotidiano, como nomear as coisas, que ocorre espontaneamente. “Essa complexa operação de dar nomes possui uma característica bastante peculiar: desdobra-se espontaneamente no ser social. Cotidianamente, no agir do dia-a-dia, de forma espontânea, imediata, os indivíduos nomeiam aquilo com que entram em contato” (LESSA, 2016, p. 77). O descobrimento de uma palavra é obra do indivíduo e a decisão de ser incorporada ao patrimônio cultural é decidida no fluxo da práxis social, sendo que muitas vezes algumas descobertas são perdidas. Lessa ainda reitera:

[...] O complexo social da fala, devido a essa espontaneidade que caracteriza seu desenvolvimento, evolui sem requerer a intervenção de um grupo de especialistas e, mesmo quando especialistas surgem (pensemos na Academia de Letras, por

exemplo), já num estágio bastante avançado do desenvolvimento da sociedade, seu poder de influência sobre a evolução de uma língua é, normalmente, muito menor que os impulsos que brotam da vida cotidiana (LESSA, 2016, p. 77).

Ademais, o complexo da fala mesmo tendo o seu desenvolvimento espontâneo possui regras que determinam sua forma e evolução: “[...] Certamente tais regras são frutos desse mesmo desenvolvimento, de modo que podem ser alteradas ou eliminadas a todo momento pela criação de novos padrões evolutivos” (LESSA, 2016, p. 78). Quando a evolução da sociabilidade exigir um novo correspondente da fala, a reação de uma resposta específica é verificada pela norma já existente.

[...] se o desenvolvimento da sociabilidade, o devir-humano dos homens, coloca os problemas e desafios que impulsionam o desenvolvimento da fala, as suas respostas concretas à evolução da sociabilidade revelam a sua autonomia relativa frente ao movimento histórico da formação social no seu todo (LESSA, 2016, p. 79).

Sobretudo, a resposta aos novos desafios e necessidades colocadas pela práxis faz com que o complexo da fala resista de forma contínua as aquisições linguísticas antecedentes, prosseguindo as leis gramaticais. Vigotski defende: “[...] a função primordial da fala, tanto nas crianças, quanto nos adultos, é a comunicação, o contato social. A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 23). Isto significa que, o devir-humano dos homens promove uma difusão da fala e mostram sua autonomia diante do movimento histórico da formação social.

Para Lessa “[...] o complexo da fala tem por fundamento de sua gênese e desenvolvimento as necessidades que brotam da complexa relação dos homens com o mundo em que vivem [...]” (LESSA, 2016, p. 80). Assim, o momento predominante no progresso da fala é efetuado pelo avanço social global, que acontece também por meio de mediações em que o trabalho e a troca orgânica homem/natureza, sendo a conjuntura influente no desenvolvimento da sociabilidade, se faz atuante no desenvolvimento de cada um dos complexos parciais. Vigotski referencia: “A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 7). E em conformidade com as pesquisas de Vigotski, reconhecemos os dados relevantes sobre as crianças:

[...] Descobrimos que também na criança as raízes e o curso do desenvolvimento do intelecto diferem dos da fala – inicialmente, o pensamento é não verbal e a fala, não intelectual. Stern afirma que as duas linhas de desenvolvimento encontram-se em um determinado ponto; a fala torna-se racional e o pensamento, verbal. A criança “descobre” que “cada coisa tem seu nome” e começa a perguntar como se chama cada objeto (VIGOTSKI, 2008, p. 60-61).

A criança em desenvolvimento passa por processos simultâneos de interação e realização da apropriação da cultura humana a partir das perguntas, descobertas, o que Duarte declara: “[...] o desenvolvimento biológico da criança e a sua formação como ser social não são dois processos paralelos e incomunicáveis; eles influenciam-se reciprocamente [...]” (DUARTE, 2013, p. 40).

O desenvolvimento da fala depende de vários fatores, do pensamento que é determinado pela linguagem, ou seja, pelas ferramentas linguísticas do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. “[...] O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (VIGOTSKI, 2008, p. 63).

Constata-se que a sociabilidade, a relação dos indivíduos na sociedade, o desenvolvimento, crescimento das crianças até a vida adulta permanece em constante aprendizado e a fala reage dando prosseguimento às conquistas linguísticas e ao mesmo tempo sociais. Lessa pondera:

[...] se o desenvolvimento da sociabilidade, o devir-humano dos homens, coloca os problemas e desafios que impulsionam o desenvolvimento da fala, as suas respostas concretas à evolução da sociabilidade revelam a sua autonomia relativa frente ao movimento histórico da formação social no seu todo (LESSA, 2016, p. 79).

O estudo da fala possibilita uma assertiva ontológica global, que no ser social a mediação entre o trabalho e cada complexo se desenvolve com a explanação categorial do mundo dos homens, que é a totalidade social. “[...] A totalidade é esta rede de mediações, esta malha substantiva que interfere na orientação e no rumo de cada complexo social [...]” (ROSSI, 2020, p. 582). O trabalho sendo a categoria fundante do ser social, o momento predominante, do devir dos homens, quer dizer a totalidade é o acontecimento primordial dos complexos sociais, assim como da fala. Lessa menciona:

Portanto, para Lukács, se o trabalho é a categoria fundante da reprodução social, a reprodução é o conjunto de mediações que exerce o momento predominante no desenvolvimento historicamente determinado de cada uma das formações sociais. Isso nada mais é senão afirmar, com outras palavras, que o trabalho funda o ser social, mas que a totalidade social não é redutível ao trabalho (LESSA, 2016, p. 86).

Na reprodução social, percebe-se que o ser é dotado de consciência e pode se reconhecer em sua própria história, conforme Vigotski: “[...] A fala é uma expressão desse processo de conscientização” (VIGOTSKI, 2008, p. 20). Adiante, percebemos também a importância da palavra, que o autor ilustra:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer quando se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o

significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 150-151).

O significado das palavras evolui, a realidade pode ser generalizada e refletida em seu enriquecimento e fortalecimento nas mudanças estruturais e desenvolvimento da linguagem. Podemos também perceber que o significado das palavras tem sua própria relação particular entre o pensamento e a linguagem, mas que o pensamento passa por muitas transformações até resultar-se em fala. Vigotski amplia a elucidação:

A fala interior é a fala para si mesmo; a fala exterior é para os outros. Seria na verdade surpreendente se uma diferença funcional tão básica não afetasse a estrutura dos dois tipos de fala. A ausência de vocalização, por si só, é apenas uma consequência da natureza específica da fala interior, que não é nem um antecedente da fala exterior, nem a sua reprodução na memória, mas em certo sentido, o contrário da fala exterior. Esta última consiste na tradução do pensamento em palavras, na sua materialização e objetificação. Com a fala interior, inverte-se o processo: a fala interioriza-se em pensamento. Consequentemente, as suas estruturas têm que divergir (VIGOTSKI, 2008, p. 164).

As investigações sobre os aspectos da fala, como um complexo da linguagem, mostram as palavras por meio de reflexões generalizadas da realidade, levando até as considerações mais abrangentes, a consciência. Vigotski finaliza:

[...] O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana (VIGOTSKI, 2008, p. 190).

Portanto, a consciência como órgão e médium existente apenas no ser social, que é a mediação entre as atividades humanas. Dentro dessa relação temos determinações recíprocas entre o trabalho e a linguagem, que verificaremos no capítulo seguinte.

5 AS RELAÇÕES DE DETERMINAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE TRABALHO E LINGUAGEM

O trabalho e a linguagem são atividades humanas essenciais para o desenvolvimento e dinâmica da sociedade. O trabalho é um complexo social de reprodução processual, também visto como base ontológica do ser social, em conexão com outros complexos firma-se para relações recíprocas. A partir do trabalho surge a determinação decisiva do ser social, que é a comunicação entre os seres humanos, a cooperação simultaneamente por meio da linguagem que expressa a capacidade de nomear. Lukács ressalta:

[...] A reverência mágica para o nome das pessoas, coisas e relações tem suas raízes nessas conexões. Nisso, contudo vem objetivamente à luz algo para nós ainda mais importante: a saber, o estado de fato ontológico de que todas ações, relações etc. — e podem elas parecer à primeira vista ainda muito simples — sempre são correlações mútuas entre complexos, nas quais seus elementos apenas podem alcançar uma operatividade real enquanto componentes dos complexos aos quais pertencem [...] (LUKÁCS, 2018, p. 119).

A comunicação é indispensável para qualquer tipo de atividade que envolva a divisão do trabalho, a cooperação entre os indivíduos em uma sociedade. Duarte declara que: “[...] a objetivação humana não se reduz à produção de objetos materiais, que ela também se realiza de outras formas, como, por exemplo, a produção da linguagem [...]” (DUARTE, 2013, p. 28).

Dessa forma, a linguagem precisa ser rica, flexível, diversificada, é um processo complexo, que deve cumprir sua função social de entendimento em suas determinações e relações recíprocas. Para Duarte: “[...] A linguagem é um meio que o ser humano cria para satisfazer uma necessidade, no caso, a de comunicação. A comunicação é uma necessidade vital para a atividade coletiva de trabalho [...]” (DUARTE, 2013, p. 35).

As categorias trabalho, linguagem, cooperação, divisão do trabalho estão entrelaçadas, pois são apreendidas por meio das relações da consciência com a realidade. Os complexos ontológicos junto ao complexo do ser social são representados em sua totalidade real e por meio das mediações entre o orgânico e o mundo inorgânico, que pode-se perceber um “afastamento das barreiras naturais” e uma transição à sociabilidade. Sendo assim, o conhecimento não é imediato dessa transformação do ser orgânico em social. Consequentemente, sabemos que uma transição é ontologicamente necessária, como afirma Lukács:

[...] o trabalho tem sua essência ontológica em um pronunciado caráter de transição: sua essência é uma inter-relação entre ser humano (sociedade) e natureza, e tanto a inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) quanto a orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da série a que nos referimos,

mas antes de tudo assinala a transição, no ser humano que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social [...] (LUKÁCS, 2018, p. 9-10).

O trabalho é uma condição de existência humana, que tem autonomia diante de todas as formas de sociedade, mas com carência de intercessão entre ser humano e natureza. Muitas reflexões são necessárias para a compreensão das determinações essenciais do trabalho, que pode ser considerado fenômeno natural, modelo do ser social. Lukács esclarece:

Sobre isso, contudo, deve estar sempre claro que com essa consideração isolada do trabalho aqui submetida é realizada uma abstração; a socialidade, a primeira divisão de trabalho, a linguagem etc. surgem, de fato, do trabalho, contudo não em uma sucessão temporal claramente determinável, mas, segundo a essência, simultaneamente [...] (LUKÁCS, 2018, p. 10).

Assim, o trabalho como modelo pode auxiliar as outras categorias sociais. A atividade vital humana deve assegurar a existência da sociedade, tornar-se uma ação transformadora. Duarte destaca que: “[...] O trabalho, como atividade vital humana, não é apenas uma atividade que assegura a sobrevivência do indivíduo que a realiza e de outros imediatamente próximos a ele, mas uma atividade que assegura a existência da sociedade” (DUARTE, 2013, p. 23).

E a linguagem se configura uma categoria relevante para a ampliação da atividade consciente dos seres humanos, constituindo determinação essencial, cuja função social, é a comunicação. A enunciação e compreensão, inexistente nos demais animais, encontram-se presentes no emprego sistematizado dos signos. Por conseguinte, o trabalho passa a ser comunicável por meio da linguagem. Para Lopes Júnior, et al:

[...] primeiro temos o trabalho, a transformação da natureza mediada pela sociabilidade, depois, mediante a criação do produto, temos a linguagem, através da qual os demais membros de determinado grupo social se apropriam daquilo que foi produzido. Em outros termos, o trabalho pode ser compreendido enquanto a potência criadora, e a linguagem atuando como uma via primeira para a apropriação desta criação (LOPES JÚNIOR, et al., 2020, p. 4897).

Por conseguinte, Lukács (2018) mostra que, mesmo tendo a linguagem surgido para consentir as necessidades do trabalho, seu desenvolvimento se apresenta como uma ação recíproca, e o fato que o trabalho continue a ser momento predominante, esse complexo reforça ainda mais e intensifica a interação entre as atividades sociais. Duarte exemplifica: “[...] isto é, as pessoas reconheciam a si próprias como seres humanos, seres possuidores de determinadas características como a linguagem, o uso de instrumentos etc [...] (DUARTE, 2013, p. 120).

A sociedade possui objetivações comuns, que fazem parte da vida cotidiana: os objetos, a linguagem e os costumes. São objetivações que surgiram por meio de um longo desenvolvimento histórico. O que Duarte assegura: “[...] não pode existir uma sociedade sem

objetos, linguagem e costumes. Nesse sentido pode-se considerar que essas três objetivações, que surgem na atividade de trabalho [...]” (DUARTE, 2013, p. 147). No decorrer do desenvolvimento da humanidade e transformação da natureza, as pessoas utilizam objetos para as diversas atividades, para o próprio trabalho. E a linguagem como mediação das ações, para a comunicação. Os costumes são repassados a cada grupo social.

Nas formas de organizações sociais, é fundamental que as pessoas possam viver sua cotidianidade, expressando-se desde a infância e perpassando a formação de todo ser humano, em um processo simultâneo de apropriação e objetivação. Duarte esclarece:

[...] A criança apropria-se da linguagem em atividades de comunicação prática com os adultos nas quais ela, simultaneamente, realiza o processo de objetivação do seu pensamento. Claro que ela não faz isso sozinha; ela aprende com os adultos nas situações concretas que vive com eles e nas quais os adultos se comunicam com a criança empregando a linguagem. Ao se apropriar da linguagem, a criança apropria-se de uma síntese da experiência humana de pensamento que se acumulou nessa objetivação do gênero humano [...] (DUARTE, 2013, p. 149).

O processo de formação do indivíduo é social, desde o início de sua vida aprende em contato com os outros e a linguagem abrange diversas formas de manifestação. Vigotski explica: “[...] Na linguagem dos povos primitivos, os gestos têm um papel importante e são usados juntamente com o som. Em princípio, a linguagem não depende da natureza do material que utiliza [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 47).

Podemos também perceber que a linguagem não depende necessariamente do som e apresenta-se de forma espontânea. Duarte confirma: “[...] Em qualquer forma de organização social, a linguagem é uma mediação fundamental na prática social cotidiana, na qual ela se reproduz espontaneamente [...]” (DUARTE, 2013, p. 148).

Dessa forma, a linguagem é um centro de continuidade do ser social, em que está presente no devir dos homens, mas que também percebem-se rudimentos da linguagem nos animais. Lukács compreende que:

[...] Como em tantos momentos importantes da vida social dos seres humanos, também este se torna geneticamente incompreensível se não se lança um olhar àquelas realizações do desenvolvimento biológico que são existentes nos animais superiores, o que, não obstante, junto à constatação das conexões genéticas, também deve ser reconhecido o qualitativamente novo que está contido no tornar-se-humano dos seres humanos, em seu tornar-se social. Se, agora, considerarmos os alegados primeiros sinais de uma linguagem no reino animal, não há dúvida de que existem nos animais superiores comunicações [...] (LUKÁCS, 2018, p.166).

Essa comunicação entre os animais deve ser enfatizada, porque passou por processos que permanece até hoje nos patamares mais elevados do desenvolvimento social. Os sinais visuais ou auditivos são formas de comunicação que faz-se presente no cotidiano, por

exemplo, sinais de trânsito, que Lukács (2018) cita para explicar a função de uma situação com frequência recorrente.

[...] Nos animais, este automatismo emerge da adaptação biológica ao entorno; nos sinais na sociedade trata-se de que determinadas reações no interesse da regulamentação simplificada do trânsito etc, são fixadas precisamente de uma vez por todas. (Compreende-se por si próprio que este fixar de conexões entre sinais e reação não é mais aqui caráter biológico, senão que normalmente funciona como um dever social [...]) (LUKÁCS, 2018, p. 167-168).

Os limites de forma de comunicação por sinais na vida animal é visível como o meio de contato com o outro. Os macacos são exemplos de animais que apresentam uma comunicação muitas vezes semelhante aos humanos. O que Vigotski questiona:

A questão seria bem simples se os macacos não tivessem qualquer rudimento de linguagem, ou nada que se assemelhasse à fala. Mas no chimpanzé encontramos, de fato, uma “linguagem” relativamente bem desenvolvida em alguns aspectos – principalmente em termos fonéticos -, não muito diferente da fala humana. Uma característica notável dessa linguagem é o fato de ela funcionar separadamente de seu intelecto [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 42).

No entanto, os animais não atingem o estágio de representação objetiva em suas atividades, apenas nos seres humanos existem a objetividade e o desenvolvimento da consciência, como mediação do pensamento surgida na comunicação, por meio da linguagem. Como Duarte argumenta:

[...] O desenvolvimento dos objetos, dos costumes e da linguagem constitui por si só um indicador do desenvolvimento do ser humano, sem que, necessariamente, os indivíduos disso tenham consciência. A complexidade da linguagem é um indicador do grau de desenvolvimento do pensamento, mas os indivíduos não têm necessariamente consciência disso (DUARTE, 2013, p. 151).

O papel da consciência contribui no processo de reprodução do ser social, mesmo que não seja percebido, na medida que o trabalho, cria sempre algo novo, de modo subjetivo ou objetivo. Lukács esclarece:

[...] como toda práxis dos seres humanos, partindo do trabalho e o aperfeiçoando, é uma incursão no desconhecido para conhecê-lo (apenas quando vez reconhecido, pode se tornar algo conhecido para a vida cotidiana dos seres humanos), com o que todo conhecer conduz consigo sua extensão extensiva e intensiva, então a linguagem é um importante órgão dessa práxis, de todo conhecimento que dela brota [...] (LUKÁCS, 2018, p. 168).

A dialética entre o objetivo e o subjetivo que se desenvolve a partir da atividade do trabalho faz com que os atributos de um sujeito individual sejam significantes no processo de objetivação, porém é necessária uma dinâmica social objetiva. Para Duarte:

[...] Na atividade de trabalho, da qual decorre a construção de toda a materialidade necessária à reprodução da vida cotidiana dos seres humanos, essa relação entre subjetividade e objetividade se coloca em termos do caráter teleológico do trabalho; ou seja, trata-se de uma atividade guiada por um objetivo estabelecido pela consciência, a qual dirige a ação transformadora [...] (DUARTE, 2013, p. 114).

Isso resulta, uma realidade comandada por prática social e que o trabalho e a linguagem são atividades que atendem as necessidades dos seres humanos e permanece como momento predominante de interação em todas manifestações de vida, como forma de expressão ativa da reprodução. Lukács amplia sua defesa:

Agora apenas nos importa é a constatação de que a linguagem é o cumprimento de uma necessidade social que, ontologicamente, surge como consequência da relação dos seres humanos com a natureza e uns com os outros, e precisamente nesta duplicação de demandas opostas, precisamente nesta contraditoriedade dialética, pode e tem de se realizar praticamente [...] (LUKÁCS, 2018, p. 175).

As condições dos seres humanos são dependentes do seu desenvolvimento, desde o início da história os indivíduos têm dependência ao conjunto de ações sociais. “[...] Da mesma forma, a linguagem não foi criada por um indivíduo isolado que depois se deparou com outros indivíduos com os quais pôde empregar a linguagem para se comunicar [...]” (DUARTE, 2013, p. 171).

Assim, a linguagem por meio de suas formas e atividades apresenta um crescimento natural, espontâneo, também vista como um complexo social dinâmico, em atos imediatos, com diversas variações. O que Lukács avalia:

[...] A linguagem é o órgão dado para uma tal reprodução da continuidade no ser social. Ela já o é mesmo quando apenas funciona como linguagem falada e provê o suporte da continuidade na tradição oral. Segue-se de sua essência, todavia — nisto é ela um modo de manifestação autenticamente nascido no ser social — que essa fixação da realização se aperfeiçoa por uma sua própria fixação na linguagem escrita [...] (LUKÁCS, 2018, p. 176).

A linguagem nas suas diferentes manifestações, oral, escrita, dispostas em imagens, gestos compõem uma reprodução da sociedade, em que o trabalho em sua concepção histórica de socialidade humana parte de um desenvolvimento da socialidade em si e vai avançando na constituição de uma socialidade para si, conforme Duarte:

[...] o trabalho, desde suas formas mais primitivas, tenha produzido o salto do ser natural ao ser social, a socialidade, no início da história, ainda se apresentava muito limitada pela natureza – não só pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas, mas também porque as próprias relações de produção sofriam a influência de fatores naturais como força física, sexo, laços de sangue etc. Nesse sentido, pode-se afirmar que a socialização é tanto o processo pelo qual o indivíduo, em sua vida, se desenvolve como ser social quanto processo pelo qual as formas de organização social evoluem [...] (DUARTE, 2013, p. 180).

Ao longo da história, todo processo de evolução torna-se puramente social. E ao lado do trabalho, a linguagem é um complexo que existe e se reproduz autonomamente, porém depende. “[...] A linguagem é, portanto, profundamente dependente de todas as transformações da vida social e, ao mesmo tempo, passa por um desenvolvimento que é determinado decisivamente por sua legalidade própria [...]” (LUKÁCS, 2018, p. 178).

Duarte concorda que a linguagem de um indivíduo nunca é igual a do outro, sempre tem características particulares “[...] mas, em compensação, ela não seria linguagem se não fosse uma objetivação do gênero humano, isto é, se não tivesse características objetivamente definidas pela prática social [...]” (DUARTE, 2013, p. 202). O que se contesta sobre a linguagem, a maneira de falar ou escrever depende da situação que estamos vivenciando, ou seja, o momento e lugar que está sendo proferido algo, como Breves Filho acredita que: “[...] precisamos entender que a linguagem é como roupa, dependendo da situação de fala ou escrita, usamos um tipo de linguagem e um tipo de roupa” (BREVES FILHO, 2022, p. 146).

Sendo assim, a linguagem compreende caráter universal e espontâneo que edifica o ser social, capaz de reproduzir qualitativamente, “[...] a reprodução da linguagem, em oposição aos outros complexos sociais, não tem nenhum grupo humano particular como portador, está toda a sociedade [...]” (LUKÁCS, 2018, p. 182).

A determinação da reprodução social em que o trabalho ao produzir algo novo acelera o metabolismo da natureza, permitindo o desenvolvimento social da humanidade, por sua vez qualitativamente, assim como a atividade da linguagem em oposição a outros complexos, gera uma ambição na sociedade, promovida também pelo capitalismo. Duarte entende que:

A ampliação do campo abarcado pelas atividades humanas, a diversificação dessas atividades e a extensão das possibilidades de vida humana para muito além dos restritos limites da mera sobrevivência acontecem, na sociedade capitalista, na forma de produção de mercadorias e, portanto, reprodução do capital, fazendo com que os indivíduos tenham que sacrificar a si mesmo e abdicar do seu crescimento como pessoas ao venderem sua força de trabalho e se submeterem às exigências opressivas do capital (DUARTE, 2013, p. 97).

Esses processos de determinações constituem um avanço de humanização, mas também uma forma alienada na sociedade, pois a atividade do trabalho torna-se alienante na medida que vende sua força e submete-se à opressão provocada pelo capitalismo. Almeida declara:

Na medida em que o processo de valorização do valor se desenvolvia, o fenômeno da personificação e reificação crescia no ser social até atingir seu ápice: no modo de produção capitalista. Já sabemos que o capital pressupõe o uso da força de trabalho como trabalho assalariado. A produção de riquezas a partir do trabalho assalariado ocorreu de forma pontual, já nos modos de produção escravista e feudal (ALMEIDA, 2017, p. 73).

O capitalismo surge como a sociedade que destrói a unidade natural entre indivíduo, sociedade e condições objetivas de produção. Duarte amplia as explicações sobre como superar:

[..] com a superação do capitalismo e o fim das classes sociais, os seres humanos, por meio de sua atividade, poderão se objetivar de forma plena, rica, sem barreiras intransponíveis, relacionando-se conscientemente com a universalidade do gênero

humano, tornando-se assim, indivíduos livres e universais (DUARTE, 2013, p. 185-186).

Em contrapartida, o processo histórico que criou condições para o surgimento e desenvolvimento da sociedade capitalista, precisa romper a unidade imediata de alienação, que Duarte acrescenta: “[...] Agora, para reproduzir a si próprio e à sociedade, o trabalhador tem que se defrontar com as condições de produção como forças externas à sua individualidade, numa relação de mútuo alheamento, de mútua alienação (DUARTE, 2013, p. 190). Para exigências do trabalho livre, a reprodução social atingirá seu ápice pelo caráter ontológico:

A passagem para uma autêntica generidade do ser será efetivada pela produção social e demais totalidades da reprodução social. Este salto qualitativo não será dado pela produção burguesa, será dever ontológico do socialismo: no qual a produção e a reprodução da existência serão articuladas pelo trabalho livre e associado (ALMEIDA, 2017, p. 134-135).

Ao lado da objetivação de liberdade, o indivíduo precisa de mediações, Duarte aponta: “[...] A atividade essencial, o trabalho, deve transformar-se em uma atividade que desenvolve a essência do indivíduo como ser genérico, como individualidade para si” (DUARTE, 2013, p. 214). O autor aborda a individualidade como um processo de ascensão do indivíduo.

De modo consequente, a linguagem permite aos seres humanos a apropriação das ferramentas necessárias para compreender o mundo, pois é uma atividade ontológica do ser social, que os indivíduos por meio da interação podem difundir os conhecimentos construídos ao longo da história e adquirir novos aprendizados. Assim, a educação também é um complexo que pode aprimorar a linguagem e o trabalho, pois são atividades inerentes aos seres sociais.

5.1 Educação: complexo que aprimora a linguagem e o trabalho

Com efeito, a educação também é um dos complexos que, junto à linguagem, é responsável pela comunicação entre as pessoas e pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Tonet relata: “[...] No seu sentido mais geral, a educação cumpre a função de permitir aos indivíduos essa apropriação dos conhecimentos, habilidades, valores e comportamentos que lhes permitam inserir-se no processo social” (TONET, 2011, p. 140 – 141). Mas, podemos nos perguntar: será que todos têm acesso à educação? Sabemos que o analfabetismo² ainda persiste em nossa sociedade.

² - A taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano Nacional de

Vivemos em uma realidade de tantas desigualdades sociais e discriminações sofridas pelas pessoas, que desistem de espaços que deveriam ser de acolhimento. O acesso à educação escolar precisa fornecer mais subsídios aos seus estudantes, sobre signos e significados, que permitam uma ampliação dos conhecimentos e contribuição com o desenvolvimento de uma humanidade mais justa, capaz de ouvir e partilhar as diversas formas de linguagens.

A linguagem sob qualquer forma faz-se necessária a todas atividades sociais e desde a infância é importante que os espaços acolham. Vigotski compreende: “[...] A capacidade que tem uma criança de comunicar-se por meio da linguagem relaciona-se diretamente com a diferenciação dos significados das palavras na sua fala e na sua consciência” (VIGOTSKI, 2008, p. 161). A fala como elemento constituinte da linguagem é recorrente que seja lugar de visibilidade aos indivíduos, cujos pensamentos muitas vezes são desconsiderados por não fazer parte dos grupos privilegiados.

Partilhamos das ideias que os diversos grupos sociais interajam, e a lógica da consciência é da comunicação, imagem, palavra, gesto, que sejam reconhecidos como forma de abrigo. Bakhtin manifesta-se “[...] A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 36). A consciência individual é ligada a comunicação social, que está atrelada diretamente a linguagem, e está presente em todos os atos sociais.

Se, durante a história da humanidade, as pessoas conseguiram desenvolver-se, é mister a aceitação das diversas manifestações, expressões na convivência em sociedade. Engels defende: “Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados [...]” (ENGELS, 2008, p. 5). Conforme os estudos, o trabalho que junto a linguagem aperfeiçoa-se de geração em geração, estende-se a outras atividades. O trabalho que, antes era feito à mão, passou a ser planejado e com a cabeça pensando, obrigaram os outros a realizarem, disseminando a exploração.

Com isso, as pessoas determinam mudanças no processo de transformação da natureza, obrigando muitos a servir-lhes. Essa diferença que ocorre entre os animais e os seres humanos, por meio do trabalho e integra outros momentos.

[...] o trabalho, embora seja fundante, é apenas um dos momentos da realidade social. Além dele, muitos outros momentos fazem parte dela. Alguns, como a socialidade, a linguagem, a educação, o conhecimento integram o ato do trabalho desde o seu momento mais original. Outros surgirão na medida em que, a partir do incremento das forças produtivas, a sociedade se tornar mais complexa, exigindo outras atividades que não aquelas voltadas à produção dos bens materiais (TONET, 2011, p. 139).

É importante notar que o trabalho é a única categoria que tem sua função na sociedade de produzir bens materiais necessários à existência humana. Não há outras atividades humanas com essa função. Por esse motivo, não é trabalho, de acordo com a natureza ontológica. Porém, todas as outras atividades colaboram com atribuições próprias na reprodução do ser social e estabelecem determinação recíproca entre si e com o trabalho. Duarte apresenta que: “[...] Ora, a sociedade capitalista, assim como qualquer sociedade, é um produto da prática social [...]” (DUARTE, 2013, p. 60).

Embora os modos de produção tenham ambição para o efeito útil e imediato do trabalho, sem muitas vezes preocuparem-se com as consequências de processos danosos, seja no período de cultivo das terras ou na propagação de fábricas que prejudicam o meio, provocam o adoecimento de muitas pessoas que precisam trabalhar por horas em movimentos repetitivos ou respiram o ar contaminado por poluentes emitidos. Isso encontra sua expressão no capitalismo:

[...] Porquanto os capitalistas isolados produzem ou trocam com o único fim de obter lucros imediatos, só podem ser levados em conta, primeiramente, os resultados mais próximos e mais imediatos. Quando um industrial ou um comerciante vende a mercadoria produzida ou comprada por ele e obtém o lucro habitual, dá-se por satisfeito e não lhe interessa de maneira alguma o que possa ocorrer depois com essa mercadoria e seu comprador. O mesmo se verifica com as consequências naturais dessas mesmas ações. [...] (ENGELS, 2008, p. 8).

Enquanto isso, a riqueza se concentra nas mãos dos que exploram, cujo único objetivo é o lucro. Todas as formas superiores de produção subsequentes levam a populações de diferentes classes e, portanto, em um confronto entre as classes dominantes e as classes oprimidas. Como resultado, os interesses da classe dominante tornam-se a força motriz da produção, e não se limitam a sustentar a existência miserável dos oprimidos. Duarte menciona:

[...] muito do que Marx, com toda sua genialidade, já via à sua época, hoje, é algo visível sem grande esforço; como, por exemplo, a universalização do capital, o esvaziamento das relações sociais e da individualidade, a redução de todas as dimensões da vida humana e de todas as formas de atividades a uma única referência, ou seja, seu valor em dinheiro, entre outras coisas [...] (DUARTE, 2013, p. 191-192).

Todos esses atos de aproveitamento abusivo da natureza ou do próprio ser humano, precisam ser conscientemente assumidos e, mais uma vez, entra a atividade da educação.

Tonet afirma: “[...] Daí a necessidade da educação, vale dizer, de um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, etc. que permitam ao indivíduo tornar-se apto a participar conscientemente (mesmo que essa consciência seja limitada) da vida social” (TONET, 2011, p. 140). A educação é uma mediação entre os seres humanos que necessitam rever como utilizam-se do trabalho para a busca de uma superprodução, exagerando na atividade de transformação da natureza de forma doentia e prejudicial a humanidade, apenas com interesses de acumulação de capital. Duarte explana:

Na sociedade capitalista, o resultado da atividade de trabalho transforma-se em capital e este domina e explora a atividade do trabalhador. Esse é um processo de alienação. Mas não há atividade de trabalho sem objetivação, isto é, sem a transferência de atividade humana para as características do produto. O produto do trabalho é sempre atividade humana objetivada. Acontece que, na sociedade capitalista, esse produto se aliena da classe trabalhadora, torna-se algo alheio, estranho, exterior e hostil a ela, em uma palavra, torna-se capital. O capital apropria-se dos resultados da atividade de trabalho [...] (DUARTE, 2013, p. 73).

A educação tem um caráter de orientar como cuidar do meio em que vivemos de forma consciente, há uma dependência ontológica no sentido de que a educação é uma matriz na organização do homem em transformar a natureza, mesmo ocorrendo exploração e dominação. “[...] como o trabalho é o fundamento ontológico do ser social, é óbvio que, em cada momento e lugar históricos, uma determinada forma de trabalho será a base de uma determinada forma de sociabilidade e, portanto, de uma certa forma concreta de educação” (TONET, 2011, p. 141).

Nesse cenário, a educação atrelada ao trabalho incluem o processo educativo, pois de acordo com Duarte “[...] a apropriação de uma objetivação é sempre um processo educativo, mesmo quando não se configura direta e explicitamente a situação de uma pessoa ensinando conscientemente algo a outra (ou outras) [...]” (DUARTE, 2013, p. 49).

Por conseguinte, a educação tem uma relação recíproca entre trabalho, política, direito, arte, religião, ciência, filosofia e demais momentos da totalidade social. Duarte amplia a concepção acerca da educação:

[...] A educação, especialmente a educação escolar, também atua nesse terreno das relações entre a consciência do indivíduo no contexto social imediato no qual ele vive, isto é, sua vida cotidiana, e a totalidade da evolução histórica do gênero humano [...] (DUARTE, 2013, p. 124).

Quando falamos em educação, a escolar é uma das principais que se faz presente na sociedade de classes. A escola como espaço de possibilidades de ampliação das habilidades e mediações para os filhos dos trabalhadores, que muitas vezes encontram apenas intervenções em suas vidas cotidianas nesse lugar. Tonet declara:

Deste modo, a igualdade natural de todos assegura a cada um, em princípio, o acesso a esse direito natural universal que é a educação. Mas, a efetivação desse acesso dependerá das qualidades de cada um e do seu desempenho pessoal. Daí porque a comprovação prática da superioridade espiritual de qualquer indivíduo medir-se-á pelo sucesso na aquisição de propriedades porque estas são a expressão máxima das forças humanas manifestadas através do trabalho (TONET, 2011, p. 143).

A teoria educacional burguesa apresenta uma contradição entre o discurso e a realidade, defende o direito da educação universalizada e formação integral do ser humano. Mas não acontece esse direito e formação de forma efetiva, pois reproduzem os interesses das classes dominantes, a escola como um lugar que deveria ser de acolhimento, proposta de desenvolvimento de objetividades (mundo externo) e subjetividades (mundo interno), preocupam-se mais por busca de resultados, prevalecendo muitas vezes o externo. Entretanto, Duarte indica uma proposta de ensino mais libertadora:

[...] Uma pedagogia que valorize a liberdade dos indivíduos não será aquela que tenha por objetivo formar nos alunos a capacidade de adaptação à realidade local da qual eles fazem parte, mas, sim, aquela que forme nos alunos a consciência da necessidade de apropriação da riqueza espiritual universal e multifacetada [...] (DUARTE, 2013, p. 195).

Partilhamos dos estudos de Sobral (2021) em sua tese “A natureza Onto-histórica do princípio educativo: uma análise com base nas contribuições de Gramsci e Lukács”, fundamentada no referencial teórico do materialismo histórico-dialético, que tem como objeto o princípio educativo, o desígnio de que um sistema educacional deve ser fundamentado, pautado no desenvolvimento dos seres humanos na sua integralidade, para tanto voltado à formação humana, princípio que abarca não somente a esfera do trabalho, senão toda dimensão do ser humano. Isso contempla, portanto, o âmbito de todo tipo de práxis.

Para Duarte, o complexo de formação do indivíduo para si envolve um conjunto de fatores, desenvolvendo objetivações do gênero humano em sua plenitude, para acarretar em uma paixão da determinação objetiva de sua essência, realização, de ser participante de uma sociedade ativa.

[...] Não se trata apenas de que a escola deve colocar os alunos em contato com os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, mas também que a escola deve produzir nos alunos a necessidade de apropriação permanente desses conhecimentos em níveis cada vez mais elevados [...] (DUARTE, 2013, p. 213).

Dessa maneira, um sistema educacional deve prezar a libertação das pessoas e estabelecer uma base na formação suficiente do potencial humano. O que Duarte complementa:

[...] Uma das dificuldades nesse sentido, na sociedade capitalista contemporânea, é a de que nem a vida cotidiana nem a educação escolar da classe trabalhadora têm propiciado as condições necessárias para que a ciência, a arte e a filosofia estejam efetivamente presentes na formação das pessoas [...] (DUARTE, 2013, p. 229).

A afirmação da figura humana é mais coerente como princípio educacional geral, por causa da função básica da educação, em qualquer forma de interação social reside na autoconstrução do indivíduo como participante da humanidade. Para além disso, uma formação dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos de formas mais ricas do que já dominam. Duarte evidencia:

A educação escolar na sociedade capitalista não poderá formar plenamente esse ser humano rico, pois isso só poderá ser alcançado com a superação dessa sociedade. Mas já é possível, nas condições atuais, fazer com que os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos se tornem necessários para os indivíduos, produzindo o movimento de superação dos limites da vida cotidiana e da individualidade centradas na satisfação das necessidades particulares (DUARTE, 2013, p. 215).

Porém as atividades escolares precisam ter os conteúdos e métodos de ensino bem definidos para que o desenvolvimento da educação atenda às necessidades mais ricas, complexas e elevadas do gênero humano. Duarte considera a busca da satisfação da necessidade de uma vida humana.

[...] Os conflitos vividos pelo indivíduo para si são, antes de tudo, conflitos com a sociedade alienada e com sua própria alienação. O fato de que o processo de ascensão à individualidade para si seja contraditório e repleto de conflitos não significa que o indivíduo para si não aspire a uma vida na qual ele se sinta bem no mundo; mas, sim, que ele deseja um mundo no qual todas as pessoas se sintam bem (DUARTE, 2013, p. 219).

O autor questiona a alienação na formação do indivíduo que muitas vezes precisa desenvolver uma personalidade que atenda os anseios do meio em que vive, das relações sociais, que determinam um papel a ser seguido. “[...] Um papel torna-se alienado quando ele se fetichiza, ou seja, assume vida própria e passa a controlar o indivíduo em vez de ser uma mediação social que o indivíduo controla [...]” (DUARTE, 2013, p. 220). Nesse sentido, o indivíduo precisa de vivência que guie as atividades sociais que compõem sua vida. E a educação escolar, por meio dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos é um estímulo para a luta contra a alienação.

Ademais, os professores também necessitam de momentos de discussões sobre temáticas relacionadas à educação e categorias sociais, visto que são também parte do processo de formação do ser social. No próximo capítulo, apresentaremos um produto educacional para ampliação da formação de professores da educação básica.

6 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL: ENCONTROS FORMATIVOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO E A LINGUAGEM

O presente capítulo tem como objetivo apresentar um produto educacional, vinculado a coeva pesquisa, elaborado a partir do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE - Campus Maranguape.

O produto educacional consiste em um roteiro para o desenvolvimento de oficinas, nomeado de “Encontros formativos sobre as relações entre o trabalho e a linguagem”, nos quais serão discutidos textos e indicações de leitura a respeito da proposta, em que professores da área de Linguagens participarão de encontros e debates para o auxílio formativo.

É visível a carência de momentos reflexivos e de debates dentro das escolas, pois muitas vezes os professores apenas elaboram planos em seu horário de planejamento e não tem tempo para pensar, ler, realizar atividades de partilha dos conhecimentos, que podem colaborar em suas formações.

No mundo moderno, houve o desenvolvimento de uma chamada “alta cultura” ou cultura da intelectualidade e, faz-se necessário que seja colocado em prática as diversas formas de manifestar essa intelectualidade em processo formativo, como Gramsci intensifica:

O enorme desenvolvimento alcançado pela atividade e pela organização escolar (em sentido lato) nas sociedades que surgiram do mundo medieval indica a importância assumida no mundo moderno pelas categorias e funções intelectuais: assim como se buscou aprofundar e ampliar a "intelectualidade" de cada indivíduo, buscou-se igualmente multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las [...] (GRAMSCI, 1982, p. 9).

Dessa forma, enquanto pesquisadores precisamos promover encontros com nossos pares. E Gramsci afirma que: “A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis [...]” (GRAMSCI, 1982, p. 9). E esses intelectuais na escola não são apenas os estudantes, mas também os professores, que possam vivenciar troca de experiências e colaborar com o ensino e aprendizagem, voltado também para sua própria ampliação de conhecimento.

Sendo assim, pensamos em sugerir como proposta, oficinas sobre as relações entre o trabalho e a linguagem, visto que são atividades inerentes à educação, e a escola é o lugar que pode contribuir com a difusão dessas formações junto aos seus professores, seres sociais inclusos nesse processo de interação do desenvolvimento da humanidade, como participantes críticos.

Afirmamos que as oficinas servem de meio para formação continuada de professores. Este produto é direcionado para os profissionais de ensino, no contexto de um modelo epistemológico que supõe o conhecimento como um processo criativo de apropriação e transformação da realidade. “A oficina caracteriza-se como um fazer pedagógico em que o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É um lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar [...]” (PIMENTA & ANASTASIOU, 2020, p. 96).

Consequentemente, as oficinas são espaços de construção coletiva de saber e análise da realidade. Trata-se de uma postura de ação educativa e formativa, vinculada às práticas sociais, que estimulem a articulação de professores por meio de debates, roda de conversas no decorrer das oficinas em direção a uma autonomia de produção do conhecimento, propiciando uma aproximação dos saberes em teoria e prática.

Ao tomar como base que a educação é para combater os instintos biológicos e formar o homem para sua época, a escola por meio da prática do educador constrói a função educativa:

[...] na escola, o nexu instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos, sendo também consciente de sua tarefa (GRAMSCI, 1982, p. 131).

Gramsci (1982, p. 170) ainda acrescenta que “toda corrente cultural cria a sua linguagem”, logo, as formações embasadas em correntes históricas materialista facilitará o entendimento e a análise das circunstâncias reais e coevas à sociedade vivente.

O autor supracitado elenca algumas marcas necessárias às formações de pensamentos coerentes, críticos e históricos, a primeira marca é organizar materiais de leituras e escritas que abordem os “conceitos políticos filosóficos e científicos” sempre introduzindo termos novos (p. 170). Além disso, “as exposições deveriam ser “práticas”, isto é, deveriam corresponder a exigência realmente sentida, e ser no que toca à forma de exposição -- adequadas à média dos leitores” (p. 171).

A segunda marca é unida à antecedente, decorre enquanto chancela das “biografias”, a qual precisa ser apreendida em duas visões: uma que considera a vida de cada homem, pois toda vida “pode interessar à cultura geral de uma certa camada social”, outra porque “um nome histórico pode entrar num dicionário enciclopédico por causa de um determinado conceito ou evento sugestivo” (GRAMSCI, 1982, p. 171).

A terceira marca pontuada é da autobiografia político-intelectual, uma vez que, bem edificada, com franqueza e simplicidade, ocasiona “interesse jornalístico e de grande eficácia formativa” (GRAMSCI, 1982, p. 172).

A quarta marca basilar para o autor citado acima “pode ser constituída pelo exame crítico-histórico-bibliográfico das situações regionais” (p. 172), cada região tem uma organização geográfica e econômica diferente, assim construindo entendimentos específicos a sua realidade resultará desenvolvimentos contextualizados.

A quinta rubrica defende que exista um legado ordenado de publicações, na obra Gramsci (1982) fala de jornais e revistas, mas ao relacionar com o produto em questão, podemos utilizar de um legado bibliográfico em geral, organizar os itens, conceitos importantes e compilar em roteiros para determinados debates.

A sexta marca, apresentada na obra de Gramsci (1982), refere-se às recensões de livros, em duas condições: uma crítica e informativa para leitores que não podem realizar a leitura inteira de um livro. Outra teórica e crítica para leitores que podem desenvolver a leitura completa de uma obra; essa segunda opção seria adequada para o estudo aqui objetivado.

A sétima seria uma herança crítica e bibliográfica, organizada por conceitos, temáticas e grupos de questões para as publicações, em nosso caso, para construção de oficinas que englobe as discussões de textos, autores e as categorias que se constituem fundamentais na formação de professores.

A obra de Gramsci de (1949) e impressa no Brasil em (1982) debate sobre questões que abrangiam aos diversos lugares da Itália no século XX, mas não deixa de serem questões atuais que necessitam ser discutidas nos diversos processos formativos, na finalidade de desenvolver um pensamento crítico da realidade, pois o autor ainda afirma que:

O trabalho educativo-formativo desenvolvido por um centro homogêneo de cultura, a elaboração de uma consciência crítica (por ele promovida e favorecida) sobre uma base histórica que contenha as premissas concretas para tal elaboração, este trabalho não pode se limitar à simples enunciação teórica de princípios "claros" de método (GRAMSCI, 1982, p. 174).

Não se resume a conhecer um método de debate, a formação orgânica deve acontecer junto aos seus pares de profissionais, de forma articulada, crítica, dialética, de assimilação e diversa. Jamais de maneira abstrata, sempre de modo concreto, na perspectiva da realidade objetiva e da prática ativa.

No caso, a importância de se fazer oficinas com as categorias trabalho e linguagem é significativo para os professores que atuam na área da linguagem, para que compreendam

essas atividades na perspectiva do ser social. E enquanto agentes transformadores conheçam mais e discutam sobre o papel social, cultural e histórico dessas categorias para a humanidade.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica [...] (FREIRE, 2018, p. 45-46).

Assim, a docência também requer diálogo, como exercício da ação educativa, transformadora, exige o senso crítico para entender a leitura da palavra, do mundo e do contexto, conforme relata Paulo Freire: “[...] Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção [...]” (FREIRE, 2018, p. 126).

Os professores precisam de formação contínua, que deve marcar a produção do conhecimento na escola, promover discussões, ampliar as pesquisas e elaborar um processo interativo de competências científicas, instigando a curiosidade entre docentes, em busca de reflexão acerca do ensino e aprendizagem, bem como da sua liberdade, potencialidades e construção coletiva dos conhecimentos.

Nossa prática enquanto pesquisadores, formadores de professores e professoras está marcada pelo recurso a essa metodologia, baseado em um referencial teórico-epistemológico que considera a produção do conhecimento na escola pública como uma tarefa crítica, permanente, coletiva e dinâmica.

Sugerimos um roteiro de oficinas que constitui uma possibilidade, proposta a ser desenvolvida. O modelo pode ser utilizado na escola, com professores da área de linguagens, como uma forma de ampliação da formação docente. Dessa forma, pensamos na estrutura seguinte: apresentação, discussão e produção.

ROTEIRO DAS OFICINAS

OFICINA 1 - As relações entre o trabalho e a linguagem

Primeiro momento

- Apresentação do tema “As relações entre o trabalho e a linguagem”.
- Dialogar com os professores sobre as categorias trabalho e linguagem.

Segundo momento

- Leitura do artigo “As relações entre o trabalho e a linguagem”, disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19512>

Terceiro momento

- Roda de conversas sobre as categorias trabalho e linguagem e discussão sobre a leitura do artigo “As relações entre o trabalho e a linguagem”.

OFICINA 2 - A categoria trabalho

Primeiro momento

Problematizar, analisar as condições objetivas que os profissionais da educação possuem para refletir sobre a categoria trabalho no sentido ontológico e como o capital se apropria dessa esfera fundante da constituição e desenvolvimento do ser social, que não lhe dá tempo útil para outra coisa, senão o tempo de trabalho alienado.

Segundo momento

Assistir ao filme – “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUtZ8q_vkKY

Terceiro momento

- Discutir sobre o filme – “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin e relacionar com a categoria trabalho, partindo das leituras já realizadas durante os encontros formativos.

OFICINA 3 - Educação: complexo que aprimora a linguagem e o trabalho

Primeiro momento

- Conversar sobre a categoria educação e como essa atividade aprimora a linguagem e o trabalho

Segundo momento

- Leitura do texto – “Educação e Ontologia Marxiana”, de Ivo Tonet. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639900>

Terceiro momento

- Roda de conversa sobre o texto, discutindo a categoria Educação, como complexo que aprimora a linguagem e o trabalho.

Resultado e discussões das oficinas

- Produção de um artigo sobre as categorias trabalho, linguagem e educação.

SUGESTÕES DE LEITURAS PARA APRIMORAR OS CONHECIMENTOS SOBRE AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM:

Livros

- **Pensamento e linguagem**, de Lev Semenovitch Vigotski.
- **Marxismo e filosofia da linguagem**, de Michael Bakhtin.
- **Para uma ontologia do ser social**, de Georg Lukács.
- **Para compreender a ontologia de Lukács**, de Sergio Lessa.
- **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho, de Ricardo Antunes.

Esse procedimento pode ser adequado à realidade dos momentos formativos da escola e planejamento dos professores. As atividades propostas são variadas e dialogadas com os saberes e conhecimentos que precisam ser adquiridos por professor da educação básica, que busca formação continuada. O conteúdo das oficinas é composto por leituras, diálogos, reflexão e rodas de conversas, com a disponibilidade de textos relacionados às categorias

discutidas; trabalho, linguagem, incluindo também a educação, comportando-se dentro do contexto de forma adequada à situação.

Para realizar as oficinas sugerimos leituras de Vigotski (2008), Bakhtin (2010), Tonet (2011), Antunes (2009) outros autores pertinentes da literatura. Assim, direcionamos inicialmente uma apresentação do tema, seguida de diálogo com os professores sobre as categorias que serão discutidas. Na primeira oficina, debater o trabalho e a linguagem; na segunda oficina, discutir sobre a categoria trabalho, problematizar, analisar as condições objetivas que esses profissionais da educação possuem para refletir a categoria trabalho no sentido ontológico e como o capital se apropria dessa esfera fundante do ser social; e, na terceira oficina, questionar sobre a educação, um complexo que aprimora a linguagem e o trabalho.

Após a realização dessas oficinas, os professores podem até escrever artigos para publicação em revistas eletrônicas, como um meio de divulgação dos conhecimentos construídos e que servirão de partilha com outros professores ou estudantes que pesquisam a respeito da temática debatida.

Ressaltamos a importância de explicitação tanto oral quanto escrita por parte de professores/pesquisadores que podem ampliar seu objeto de estudo, considerando os elementos do movimento, dimensão qualitativa e apreensão dialética. Nesse caso, busca-se a essência do objeto, por meio de suas determinações: aquelas que tornam o objeto assim como ele é. A partilha durante as oficinas favorecem os elementos do crescimento espiral, histórico e contextualizado, das descobertas da própria pesquisa, em que os participantes apreendem conhecimentos para a própria prática docente. Como sustenta Paulo Freire: “[...] Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (FREIRE, 2018, p. 30).

Portanto, é um desafio ao professor buscar a pesquisa como forma de organizar o processo de formação, além das exigências da ação docente, direcionar suas atividades para a produção de conhecimentos, apropriação ativa de conceitos, fundamentos das ciências e de sua aplicação prática necessária aos desafios da realidade. Assim, pensamos acerca das oficinas pedagógicas, espaço em que os ideais de transformação e diálogo na escola pública possam ser realidades em permanente construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre trabalho e linguagem permitem uma assertiva ontológica global, que no ser social a intervenção em meio ao trabalho e cada complexo amplia a exposição categorial do mundo dos homens, que é a totalidade social. Visto que, o trabalho é a categoria fundante do ser social, o momento predominante, do devir dos homens, quer dizer a totalidade é o ensejo prevalente dos complexos sociais, assim como da linguagem.

Dessa forma, a linguagem é um dos complexos sociais presentes no mundo dos homens, que junto ao trabalho advém de um desempenho essencial de práxis. E a reprodução social é retratada como uma instigação em cada momento histórico, em que a sociabilidade participa das mediações sociais que articulam a vida dos indivíduos.

Haja vista, a relação do homem com a natureza é mediada pelo trabalho, que é o fundamento ontológico da busca por uma vida plena de sentido. Essas considerações permitem perceber como o trabalho impulsiona o homem em cada ato, nas vivências e própria existência que colaboram para o surgimento de outros complexos sociais, como a linguagem. Na reprodução social, nota-se que o ser é dotado de consciência e pode se reconhecer em sua própria história. A consciência permite o prosseguimento do processo de acumulação que constitui o devir-humano dos homens. Essa consciência ao agir produz o trabalho, que incentiva o homem a esboçar coisas novas, assumir posições diferentes para resolver as adversidades. O ato de transformar a natureza por intermédio do trabalho é uma ação reflexiva, uma vez que faz surgir a consciência.

Diante da linguagem, compreendemos a fala como elemento constitutivo, que também está atrelada à reprodução do ser social, pois os organismos biológicos, postos em um ambiente natural, não produzirão fala. Assim, o contexto social é indispensável para que torne-se um vínculo com a fala, articulado ao complexo da linguagem.

As relações de determinações recíprocas entre o trabalho e a linguagem são reflexões necessárias para a compreensão das consignações essenciais do trabalho, que pode ser considerado fenômeno natural, modelo do ser social, conforme o estudo das atividades. E a educação também vista como um dos complexos que junto à linguagem é responsável pela comunicação entre as pessoas e pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade.

O produto educacional elaborado a partir da pesquisa que consistiu em um roteiro para o desenvolvimento de oficinas, nomeado de “Encontros formativos sobre as relações entre o trabalho e a linguagem”, nos quais foram recomendados textos e indicações de leitura a

respeito da proposta, em que professores da área de Linguagens participarão de encontros e debates para o auxílio formativo.

É visível a carência de momentos reflexivos e de debates dentro das escolas, pois muitas vezes os professores apenas elaboram planos em seu horário de planejamento e não têm tempo para pensar, ler, realizar atividades de partilha dos conhecimentos que podem colaborar em suas formações. Sendo assim, esse produto educacional coopera com as atividades inerentes à educação, e a escola é o lugar que pode contribuir com a difusão dessas formações junto aos seus professores, seres sociais incluídos nesse processo de interação do desenvolvimento da humanidade, como participantes críticos e reflexivos.

Consequentemente, as oficinas podem contribuir com a formação de professores de forma dinamizada, flexível à realidade da escola, em que os participantes sintam-se instigados a dialogar sobre as categorias propostas, construir conhecimentos e escrever artigos como produção ativa dos saberes partilhados. A metodologia do produto pode ser utilizado na escola com diversas categorias que possam ser discutidas e multiplicadas como formação continuada.

Portanto, o homem ao apropriar-se dos recursos da natureza, também adquire saberes que são repassados aos outros pela apropriação da linguagem. A comunicação como função principal suscita o diálogo, entrosamento nas relações humanas e produção do conhecimento. Assim, compreende-se uma aproximação entre trabalho e linguagem, que complementam fluentemente o progresso humano em que o homem concebe reflexões, comanda ideias, articula e desarticula ordens sociais entre suas relações de determinações recíprocas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Emanuel Rodrigues. **O papel da produção social na gênese, no desenvolvimento e no devir do gênero humano**. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, CE], 2017.
- ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; ALMEIDA, Izaak Ferreira. **Trabalho e aprendizagem: o direito às mediações**. *Ciência em Movimento, Educação e Direitos Humanos*, v. 23, n. 46, 2021. p.17-26.
- ANDERY, Maria Amália. et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2012.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.
- BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BIZERRA, Fernando de Araújo. **Trabalho e ser social: uma relação genética**. Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Teste/Downloads/Eixo_1_198_2.pdf
- BREVES FILHO, José. **Leitura e Produção de Textos na Formação de Professores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. 3. Ed. Ver. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, v. 4, n. 4, 12 dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603> Acesso em: 31 de jul de 2022.
- FONTE, Sandra Soares Della. Formação no e para o trabalho. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, 2 (2), 6-19, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FRERES, Helena de Araújo. et al. **Apontamentos sobre a relação ontogenética entre trabalho e conhecimento**. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB Campo Grande, MS*, n. 33, p. 11-21, jan./jul. 2012.
- GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. et al. O sentido ontológico do trabalho e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: considerações preliminares. **Educação e Filosofia**, 33, 925-957, 2019. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v33n68a2019-46626>

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (**IBGE**). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=taxa+de+analfabetismo>. Acesso em: 28 de novembro de 2022.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (org). **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JIMENEZ, Susana Vasconcelos. LIMA, Marteano Ferreira de. O complexo da Educação em Luckács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27 (2), 73-94, 2011.

JUCÁ, E. G.; ALMEIDA, E. R.; SILVA, R. J. N. da. As relações entre o trabalho e a linguagem. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 12, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i12.19512.

LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação qualitativa em educação. **Investigação Qualitativa em Educação**. v1. Atas CIAIQ, 2017.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Luckács**. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LOPES JÚNIOR. et al. Linguagem e formação de conceitos: uma leitura a partir da escola de Vigotski. **Forum lingüístic.**, Florianópolis , v.1 7 , n.2 , p . 4 895 - 4908 , abr./ jun. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2020v17n2p4895>.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social volume 14**. [Traduzido por Sergio Lessa e revisado por Mariana Andrade]. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

MACENO, Talvanes Eugênio. **Educação e reprodução social: a perspectiva da crítica marxista**. São Paulo: Instituto Luckács, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Ana. **Trabalho e formação do espaço urbano**. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

OLIVEIRA, Maria Rafaela de. et al. **Notas sobre o desenvolvimento da linguagem: uma abordagem histórico cultural**. In: Rabelo, Jackline (Org). Trabalho, estética e formação humana. Fortaleza: EdUece, 2019.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. Editora Cortez, 2020.

RIZZATTI, Ivanise Maria et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2022.

ROSSI, Rafael. Espaço, Totalidade e Método. **Sociedade & Natureza**, 32, 578-585. 2020. <https://doi.org/10.14393/SN-v32-2020-48456>

SANTOS, Maria Escolástica de Moura. **Relações históricas entre trabalho, educação e pobreza**. Teresina: EdUfpi, 2018.

SOBRAL, Karine Martins. **A natureza Onto-histórica do princípio educativo**: uma análise com base nas contribuições de Gramsci e Lukács. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Fortaleza, CE], 2021.

TONET, Ivo. Educação e Ontologia Marxiana. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 135-145, abr2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639900> Acesso em: 31 de julho de 2022.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008. [1934].